

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RONALDO DE MATOS PEREIRA

O GABINETE PASTORAL COMO SETTING TERAPÊUTICO: A TRANSFERÊNCIA
NA AÇÃO DO CONSELHEIRO ECLESIASTICO

São Leopoldo

2015

RONALDO DE MATOS PEREIRA

O GABINETE PASTORAL COMO SETTING TERAPÊUTICO: A TRANSFERÊNCIA
NA AÇÃO DO CONSELHEIRO ECLESIASTICO

Trabalho Final de Mestrado
Profissional

Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia

Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação

Área de Concentração:
Teologia Prática: Dimensão do
Cuidado e da Prática Social

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436g Pereira, Ronaldo de Matos

O gabinete pastoral como setting terapêutico: a transferência na ação do conselheiro eclesialístico / Ronaldo de Matos Pereira ; orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.

91 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Aconselhamento pastoral. 2. Psicanálise e religião. 3. Cuidado pastoral. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

RONALDO DE MATOS PEREIRA

O GABINETE PASTORAL COMO SETTING TERAPÊUTICO: A TRANSFERÊNCIA
NA AÇÃO DO CONSELHEIRO ECLESIAÍSTICO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais

Data de Aprovação: 04 de janeiro de 2016.

Rodolfo Gaede Neto – Doutor em Teologia – EST (Presidente)

Nilton Eliseu Herbes – Doutor em Teologia – EST

“Para se chegar a adulto é preciso atender aos desejos, alimentar a contradição,
colocar à questão do por que, não aceitar tudo em silêncio.”

Sigmund Freud

AGRADECIMENTOS

A Professora Karin H. K. Wondracek, que me fez perceber que coisas boas da vida estão em todos os lugares e que o toque da palavra nos faz sentir o toque dos sentimentos.

Ao Professor Pedro Angueth, que me acolheu em sua casa e com ternura estendeu o amor de sua amizade, o compartilhar do conhecimento em psicanálise e os momentos sinceros de uma amizade.

A Professora Rosalina Rodrigues de Oliveira, grande investigadora da psicanálise, com seu entusiasmo e vontade me fizeram despertar o desejo da caminhada.

A todos os amigos que conquistei neste curso que vai além de um título, nos aproximando e marcando pela distância e lembrança de pessoas que buscam o mesmo desejo de conhecimento.

Por seus ensinamentos ao longo do Mestrado, que me ajudaram a ultrapassar obstáculos pessoais e a manter-me no Caminho.

Minha esposa Daniela C. M. Matos, que com sua alegria, paciência e sobre tudo a confiança que sempre depositou. Por seus conselhos, ajuda e atenção, dando suporte para que eu pudesse estar voltado para a palavra sem desviar o foco. Minha sogra Maria de Fátima Melão por seu carinho e dedicação. As duas por ser quem são diferentes e complementando uma a outra.

Meu Pai (Salvador e explicador de Sonhos), amigo de longa caminhada, irmão de ter ao lado, João Santos Silva. Um homem que sempre deu força e sempre acreditou que eu posso ir além e alcançar... Com sua simplicidade e humildade, ensinou-me a buscar a Palavra escrita, como lugar de segurança.

Meu Orientador Professor Rodolfo Gaede Neto, que veio enriquecer com seu ponto de vista, conduzir a fio esclarecedor esta Dissertação. Com sua serenidade e atenção amorosa me fez perceber que a pesquisa é a manifestação em palavras de sentimentos.

Ao meu filho Aquiles M. Matos, por seu cuidado, sua alegria e acima de tudo estar presente me permitindo sonhar sempre e construir uma história para que ele possa participar.

DEDICATÓRIA

Ao Verbo que se fez carne e habitou entre nós, convergindo o conhecimento, discernimento, entendimento e a sabedoria n'Ele.

A palavra do Verbo que encontra no homem uma habitação.

Ao clarear da mente, através de insights que o Verbo manifesta entre e através de nós.

A todos que acreditam que pode haver uma ressignificação de valores e idéias...

Aos que através de insights podem ter uma oportunidade de ajudar outros.

Aos que têm prazer na palavra verbal e não verbal, através de pulsões buscam o que não conhecem...

Para todos que continuam e sempre buscaram o rastro do inconsciente...

ABSTRACT

The research object of this thesis is the Office as a therapeutic setting: the transference within the action of the ecclesiastical counselor. The proposed challenge is to think about the transfer between the counseled and the ecclesiastical counselor as this relates to the quest for support and affection within Pastoral Counseling, and the action which can contribute or generate emotional and somatic crisis in borderline situations of desire, hate and similar things. With this work we seek a better comprehension of the issue of transference through a vast bibliographic analysis which seeks the encounter of psychoanalysis, the subject and theology, as well as with authors who confront ideas. In this way we seek to perceive the paths and challenges which Pastoral Counseling has with regard to transference and its forms of manifestation. The challenge of comprehension of the sacred and the profane, the taboos within the church, the various forms of holiness constructed throughout history and with centuries of biblical interpretations of negation of sexuality. The first chapter presents psychoanalysis and spirituality, its conflicts throughout time, what they can teach us together and separately. What are the religious prejudices with regard to psychoanalysis and what are the psychoanalytic prejudices with regard to the religious. Thus, there will be a description of how it is to enter in contact with this reality – perceive that there are noises in the pastoral transference and that the church does not know how nor is it prepared to work issues without condemning the persons involved. In the second moment we seek the psychoanalytic comprehension of the drive and of transdisciplinarity, what are the contributions that can come from this encounter. The attempt to have a different view through other views is something which contributes to the enrichment of the various academic chairs in favor of the human being. With relation to the concept a study is carried out about the definition, history and diagnostic in order to understand this theme which has not been much explored. After, we deal with the issue of the platforms of knowledge in society and make “madness for men” clear as a feature among the other two platforms of knowledge which confront their philosophic and theoretical foundations. Naturally when confronting years of history and education the feelings and crises which involve these platforms and their philosophical foundations remit to a position and a direction which needs to be taken, which involves commitment and elaboration of values. Finally, the issue of care giving is presented. The purpose of the second chapter is to establish a tripod which will be necessary for the sequence of the research. Psychoanalysis can be a referential for support in borderline cases between counselor and counseled, the prejudices and sophisms which are dealt with throughout the research challenge the direction which the church is looking toward. The intention of the research is to raise a relevant theme for our time in the religious scenario and seek to reflect on the bases of the current church and on which bases this church is supported in a scenario of pluralism and charismatic spiritualism which remits to religious confrontations in their sexual conflicts which come from the subconscious and take the form of desires and impulses which are called malignant actions and intentions of evil.

Keywords: Pastoral Counseling. Psychoanalysis. Theology. Transference.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa o Gabinete como setting terapêutico: a transferência na ação do conselheiro eclesiástico. O desafio proposto é pensar a transferência entre o aconselhado e o conselheiro eclesiástico, no que tange a busca de amparo e afeto no Aconselhamento Pastoral, e assim a ação que pode contribuir ou gerar crises emocionais e somáticas em situações limítrofes de desejo, ódio e coisas semelhantes. Procura-se com este trabalho ter uma compreensão melhor da questão da transferência, através de uma análise bibliográfica vasta, que busca o encontro entre a psicanálise, o sujeito e a teologia, bem como autores que confrontam ideias, assim pretende-se perceber os caminhos e desafios que o Aconselhamento Pastoral tem em relação à transferência e suas formas de manifestações. O desafio da compreensão entre o sagrado e o profano, os tabus dentro da igreja, as várias formas de santidade construídas através da história e com séculos de interpretações bíblicas de negação da sexualidade. O primeiro capítulo apresenta a psicanálise e a espiritualidade, os seus conflitos ao longo dos tempos, o que elas podem nos ensinar juntas e separadas. Quais os preconceitos religiosos em relação à psicanálise, e quais os preconceitos psicanalíticos em relação ao religioso. Dessa forma, será descrito como é entrar em contato com esta realidade – constatar que existem ruídos na transferência pastoral e que a igreja não sabe e não está preparada para trabalhar questões sem condenar os personagens envolvidos. No segundo momento busca-se a compreensão psicanalítica da pulsão e a transdisciplinaridade, quais as contribuições podem advir desse encontro. A tentativa de ter outro olhar através de outros olhares é algo que contribui para o enriquecimento das diversas cadeiras acadêmicas em prol do humano. Com relação ao conceito, faz-se um estudo sobre definição, história e diagnóstico, para compreensão deste tema que ainda não é tão explorado. Depois, aborda-se a questão das plataformas de conhecimento em sociedade e deixa claro “a loucura para os homens”, como destaque entre as outras duas plataformas de conhecimento que confrontam seus arcabouços filosóficos e teóricos. Naturalmente ao se confrontar anos de história e educação os sentimentos e crises que envolvem essas plataformas e seus arcabouços filosóficos remetem a uma posição e direção a ser tomada, que envolve compromisso e elaboração de valores. Por fim, apresenta-se a questão do cuidado. O propósito do segundo capítulo é estabelecer um tripé, que será necessário para a sequência da pesquisa. A Psicanálise pode ser um referencial para apoio em casos limítrofes entre conselheiro e aconselhado, os preconceitos e sofismas que são abordados ao longo da pesquisa desafiam o norte que a igreja esta olhando. A intenção da pesquisa é levantar um tema relevante para nossa época no cenário religioso e buscar refletir as bases da igreja atual, e quais bases à mesma está apoiado em um cenário de pluralismo e espiritualidade carismática que remete a confrontos religiosos em seus conflitos sexuais que advém do inconsciente e tomam forma entre desejos e pulsões que são denominadas por ações malignos e intentos do mal.

Palavras-chave: Aconselhamento Pastoral. Psicanálise. Teologia. Transferência.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	9
<u>CAPÍTULO 1</u>	15
<u>PSICANÁLISE, ESPIRITUALIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE</u>	15
<u>1.1. A PSICANÁLISE E A ESPIRITUALIDADE</u>	15
<u>1.2. COMPREENDENDO A PULSÃO PSICANALÍTICA NA COSTURA TRANSDISCIPLINAR</u>	20
<u>1.3. A TRANSDISCIPLINARIDADE</u>	23
<u>1.4. A LOUCURA PARA OS HOMENS – OUTRA PLATAFORMA DE CONHECIMENTO</u>	27
<u>1.5. LACAN O CATÓLICO E A MORTE DE DEUS</u>	31
<u>CAPÍTULO 2</u>	39
<u>A GRANDE DESCOBERTA DE FREUD</u>	39
<u>CAPÍTULO 3</u>	56
<u>OS CONFLITOS E ENCONTROS POSSÍVEIS DO ACONSELHAMENTO E DA TRANSFERÊNCIA</u>	56
<u>3.1. ACONSELHAMENTO E TRANSFERÊNCIA NA MODERNIDADE</u>	56
<u>3.2. PSICANÁLISE, SEXUALIDADE E DESEJO</u>	60
<u>3.3. ESPIRITUALIDADE E SEXUALIDADE: UM CONFLITO INTRÍNSECO NO CRISTÃO</u>	63
<u>3.4. CAMINHOS CRUZADOS: PSICANÁLISE E O ACONSELHAMENTO</u>	68
<u>CONCLUSÃO</u>	81
<u>REFERÊNCIA</u>	85

INTRODUÇÃO

Freud foi o primeiro a trazer evidências sobre as próprias agressões que o sujeito comete contra si, seus medos, seus desejos tidos como más ações, por estarem reprimidas. Junto com essas observações, o apego indestrutível à Família Eterna e ao eterno triângulo: Pai, Mãe e Filho.

Para Freud, esse é a essência dos conflitos pessoais e das brigas de casal, o triângulo do construto freudiano. Sigmund tem a percepção que quase tudo está nessa síntese. Na família, no complexo de Édipo.¹

Com o tempo surgiu Carl Gustav Jung² e sua noção de inconsciente coletivo, englobando e reeditando na vida de todos, os fatos históricos da civilização. Hoje se observa na Era das Comunicações, o inconsciente coletivo cada dia se tornando mais claro, poderoso, na força dos preconceitos e na rigidez dos papéis sociais.³

¹ Complexo de Édipo – Correlato de castração e da existência da diferença sexual e das gerações. O complexo de Édipo é uma noção tão central em psicanálise quanto a universalidade da interdição do incesto a que está ligado. Sua invenção deve-se a Sigmund Freud, que pensou através do vocábulo *Odipuskomplex*, num complexo ligado ao personagem de Édipo, criado por Sófocles. O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverte-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O complexo de Édipo aparece entre 3 e 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de Latência e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto. Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica. ROUDINESCO, 1998, p.166.

² Fundador de uma escola de psicoterapia, amigo e discípulo de Sigmund Freud de 1907 a 1913, introdutor com Eugen Bleuler da psicanálise na Suíça alemã, especialista em psicoses e fascinado pelo orientalismo. Carl Gustav Jung realizou uma obra tão abundante quanto a de Freud, cuja tradução em francês está muito longe de ser concluída. Dezenas de obras, artigos e comentários foram escritos sobre Jung e o junguismo se implantou em vários países: Grã-Bretanha, Estados Unidos, Itália e Brasil. Quanto à Freud, o apego e o amor que ele dedicava a Jung mostravam uma vontade determinada de tirar a psicanálise do gueto da judeidade vienense. ROUDINESCO, 1998, p. 421-422.

³ O percurso de Jung ficaria, pois marcado por esse episódio. Fundando suas hipóteses doutrinárias sobre uma tipologia psicológica, não podia evitar que seu discurso assumisse tons racistas e anti-semitas. E se esse anti-semitismo jamais tomaria a forma de um engajamento militante, suas afirmações inigualitárias levariam a que a sua doutrina fosse utilizada pela política de nazificação da psicoterapia alemã. A comunidade internacional Junguiana se dividiria sobre a questão da responsabilidade de Jung e, foi Andrew Samuels, psicoterapeuta junguiano, membro da Sociedade Londrina de Psicologia Analítica, que redigiu em 1992 um dos comentários mais notáveis sobre esse período doloroso da história. Dizendo-se ele próprio adepto do culturalismo, mostrou que foi a tentativa de instaurar uma psicologia das nações que conduziu Jung a aderir à ideologia nazista e conclamou os “pós-junguianos” a reconhecer a verdade. ROUDINESCO, 1998, p.423-424.

Wilhelm Reich e sua releitura sobre as manifestações inconscientes traz-nos uma grande contribuição no desenvolvimento da escola psicanalítica. Para ele a inquietação dos nossos desejos mais secretos, dos nossos princípios mais sólidos, nosso orgulho, nossa agressividade e nosso amor, são a edição clara de onde está e como funciona o inconsciente.

Mas se o inconsciente está em nosso corpo, como podemos ignorá-lo tão completamente? Para José Ângelo Gaiarsa, nesse ponto se instala o processo evidente, mas nunca lembrado em psicologia. Para ele, as expressões corporais são tão ou mais desconhecidas do que a consciência, o que penso, imagino ou acredito ser.⁴

Freud focou o olhar procurando o sujeito no meio das palavras, no espaço vazio entre elas, nas confissões, declarações, sonhos, fantasias... Reich em sua leitura e seguindo os passos do mestre, percebe em sua reelaboração que é através do olhar. Para ele, se o sujeito olhar com atenção e estiver interessado, será difícil enganar-se sobre o que o outro está sentindo.

Como confirmação dos pensamentos reichianos, estão presentes nos dias atuais milhares de horas de filmagens do personagem humano. Através dessas imagens tornou-se patente o que já era convicção de muitos, ninguém consegue esconder nada de ninguém, a não ser que esteja desinteressado ou não esteja olhando.

É um engano pensar que nos símbolos e signos das letras e palavras, podemos expressar toda a essência dos sentimentos. Pode se aproximar, mas nunca expressar totalmente.

Torna-se um engano pensar que na construção criada a partir desses signos e símbolos se desenvolve a estrutura para orientar todo arcabouço da sociedade.

A elaboração proposta é o desafio de não se conter apenas em símbolos e signos das letras e palavras. Compreende-se a importância de tais signos e

⁴ Você já se viu em fotos, na certa; talvez tenha se visto também gravado em vídeo. Que tal? Era você mesmo? Ou era alguém meio estranho para você? Esse estranho é o que todos vêem em você o tempo todo. Todos veem menos você. Se mais pessoas do que está acostumado começam a olhar para você em público, qual é seu primeiro pensamento? Estou desarrumado, sujo, com alguma coisa fora do lugar? E toca, procura e imagina: o que será que chamou a atenção das pessoas? Extraído do livro GAIARSA, José Ângelo. Briga de casal: Lições de Amor. 1997, p. 28-29.

símbolos na construção da civilização humana, mas a intenção é continuar indo além, percebendo através dos construtores da psicanálise que o inconsciente se registra para muito além das letras.

O amor é um tema que está sempre presente nos pensamentos e palavras, mas o sujeito não busca olhar pra ele de forma íntegra. O amor é o fim da dominação e da opressão, é o grande nivelador da pirâmide de poder. Duas pessoas em envolvimento amoroso não têm “posição social”, profissional, econômica ou qualquer outra.

É necessário diferenciar as expressões de afeto⁵, as expressões e interpretações sobre o inconsciente⁶, para que a compreensão se torne nítida diante

⁵ O desenvolvimento do conceito de afeto ilustra a fidelidade de Freud ao programa, formulado em 1904 em *Os chistes e sua relação com o Inconsciente* de “tratar do conceito de energia à maneira dos filósofos”. Vinte anos mais tarde (1927), ao aplicar essa hipótese de trabalho ao afeto da angústia, “Inibições, sintomas e angústia” a inscreve de fato na perspectiva “econômica” dos processos, o “quantum de afeto”, relacionado à situação arcaica da urgência vital, sendo objeto de uma “transferência” característica, aos olhos de Freud, da “maneira dos filósofos”. Três etapas se sucederam: - No espírito do tratamento catártico, a gênese do afeto histórico se encontra referida ao episódio externo da sedução; - Ao ter a realidade da cena traumática cedido lugar à evidenciação da fantasia de desejo (fantasia de sedução irreal), o afeto e suas vicissitudes terão de ser referidos à energia interior de onde esse desejo procede, a saber, a pulsão; - Uma renovação intervém com a segunda tópica e o papel nela reservado ao eu, que passa a se encarregar de pôr a personalidade em alerta na iminência de uma submersão por um excesso de excitação pulsional. A partir de então, trata-se de pôr em questão a dependência existente entre essa concepção do afeto e uma representação quantitativa de energia. Uma primeira delimitação do conceito de afeto na psicologia tradicional permitirá precisar desde logo a fonte da elaboração que conduzirá, a partir do tratamento catártico, até a psicanálise “Todo afeto”, escrevia Wundt, “começa por um sentimento inicial” (Anfangsgefühl) mais ou menos intenso, característico, por sua qualidade e direção, da produção do afeto, e que tem origem, ou numa representação provocada por uma impressão externa, ou num processo psíquico que sobrevém em virtude de condições associativas ou aperceptivas. Segue-se então um processo representativo acompanhado de sentimento correspondente, que se mostra característico, respectivamente, de cada um dos afetos particulares, em razão da qualidade do sentimento e da velocidade do processo. Por fim, o afeto se conclui com acompanhamento de um sentimento de término que, ao termo do processo, culmina numa situação de repouso em que o afeto se eclipsa. Reportemo-nos agora a “Comunicação preliminar” de Freud e Breuer (1892). “O apagamento de uma lembrança, ou a perda de afeto que esta sofre, depende de vários fatores”. Em primeiro lugar, importa saber se o evento desencadeante provocou ou não uma reação enérgica. Ao falar aqui de reação, pensamos em toda a série de reflexos voluntários ou involuntários graças aos quais, como o mostra a experiência, há descarga de afetos, desde as lágrimas até o ato da vingança. Nos casos em que essa reação se efetua em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece: chamamos a esse fato observável no dia-a-dia de “desabafar pelo choro”, “descarregar sua cólera”. Quando a reação se vê entravada, o afeto permanece preso à lembrança. Não nos lembramos da mesma maneira de uma ofensa vingada, ainda que por meio de palavras e de uma ofensa que nos vimos obrigados a aceitar. KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. 1996, p. 11.

⁶ O inconsciente denomina não só idéias latentes em geral, mas, sobretudo aquelas com determinado caráter dinâmico, ou seja, aquelas que, apesar de sua intensidade e atividade, se mantêm distantes da consciência. (...) O inconsciente é uma fase inevitável que ocorre regularmente nos processos que constituem nossa atividade psíquica, e todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode assim permanecer, ou pode desenvolver-se em direção à consciência, dependendo de encontrar ou não resistência. FREUD, Sigmund. 1912/2004, p. 85-87.

da sexualidade em seu amplo sentido, tanto o contato/carícia, como o ato do coito sexual. São duas formas de amor/sexual distintas, que se fizeram preconceituosamente uma só, a fim de impedir a solidariedade, o amparo e o afeto.

O preconceito habita o sujeito de várias formas, quer por nossa cultura, literatura, expressões e interpretações religiosas. Aprende-se que o sujeito entrando em contato ou fazendo carícia, demonstra suas reais intenções. A interpretação apreendida no consciente é que o outro está desejoso de relação sexual.

Há fatos que nos demonstram que contato e sexualidade são dois universos distintos, ambos legítimos, cada um com funções próprias, que nos desafiam reinterpretar a nossa própria história de fé e cultura religiosa, para compreendermos o quanto a transferência⁷ tão falada em Freud é também mal compreendida e preconceituosamente distanciada do sujeito.

O conceito central seria esse: existem dois grupos de sentimentos chamados de amor. Um tipo teria o nome de amor familiar, o necessário para a reprodução, para o cuidado com a prole, para a continuação da espécie.

O outro amor que foi feito para estimular a vitalidade, orientar e organizar o desenvolvimento das pessoas é o amor-sensibilizado dos laços sociais. Existe muita incompreensão, confusão e pressão para fazer que os dois sejam um só.

Interpreta-se que os dois são um, e que a melhor definição é o amor familiar, mesmo que esse não chegue lá. Esses dois amores sempre estiveram misturados na cabeça e no coração do sujeito, no entanto, ao longo da história a divisão sempre existiu.

Na busca de pensar o gabinete pastoral como *setting*⁸ terapêutico, torna-se difícil considerar um espaço acolhedor e de total liberdade para compreender o

⁷ Em 1912, em "A dinâmica da transferência", primeiro texto exclusivamente dedicado a essa questão, ele distinguiu a transferência positiva, feita de ternura e amor, da transferência negativa, vetor de sentimentos hostis e agressivos. A estas se acrescentariam transferências mistas, que reproduzem os sentimentos ambivalentes da criança em relação aos pais. Em 1920, em Mais além do Princípio de Prazer, Freud tornou a se surpreender com o caráter repetitivo da transferência. Constatando que essa repetição sempre se referia a fragmentos da vida sexual infantil, ele ligou a transferência ao complexo de Édipo e concluiu que a neurose original era substituída, na análise, por uma neurose artificial, ou "neurose de transferência". No processo analítico, esta devia conduzir o paciente a um reconhecimento da neurose infantil. Roudinesco, 1998, p. 767.

⁸ Toda terapia psicanalítica deve se processar em um ambiente especial, tanto do ponto de vista físico quanto de uma atmosfera emocional apropriada para a efetivação de continuadas e prolongadas experiências

sujeito em suas demandas e apresentar a ele, o ato de acolhimento, afeto e busca de escutar sem qualquer restrição.

A escuta do analista e as suas intervenções interpretativas (e indagativas) representam assim a ferramenta para ultrapassar o manifesto, para atingir o desconhecido e levantar a ignorância.

Mas tal ato se encontra limitado pela própria estrutura do sujeito que é conselheiro. Nele se mistura todo o contexto cultural e histórico de um legado que o separa da sua própria essência.

Diante dessa clara evidência, torna-se desafiadora a compreensão da transferência como método terapêutico de encontro e tratamento com o aconselhado.

Compreendendo que o evangelho é uma mensagem de afeto⁹, ser afetado¹⁰ de encontro com o que estava perdido¹¹, resgate de muitos através de um¹²; percebe-se então, que a mensagem não se mistura com a cultura cristã e que seus vários preceitos deixam seu significado reduzido e aprisionado a condicionamentos cartesianos.

O que é desejável apresentar nesse trabalho é a construção de três plataformas que se misturam entre a sociedade. Entre elas existe uma que as

emocionais, em uma situação rara, única e singular. Tudo isso configura a formação de um setting (comumente traduzido em português por “enquadre”) que pode ser conceituado como soma de todos os procedimentos que organizam, normatiza e possibilita o processo psicanalítico. O relevante a destacar é que o setting não se deve comportar como uma situação meramente formal e passiva. Pelo contrário, ele tem uma função bastante ativa e determinante na evolução da análise, serve de cenário para a reprodução de velhas e novas experiências emocionais, além de estar sob uma contínua ameaça em vir a ser desvirtuado tanto pelo analisando quanto também pelo analista, em função do impacto de contínuas e múltiplas pressões de toda ordem. A propósito, penso que o paciente está no seu direito de tentar transgredir o enquadre, porém é inadmissível que transgrida os princípios básicos, que se assenta em uma confiabilidade, regularidade, estabilidade e no cumprimento das combinações prévias, embora com uma relativa flexibilidade. ZIMERMAN; David Epelbaum. Manual de Técnica Psicanalítica. 2004, p. 67.

⁹Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, 2012, Jo 3.16.

¹⁰Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos. Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, 2012, 1 Jo 4.9.

¹¹Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido. Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, 2012, Lc 19.10.

¹²Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos. Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, 2012, Mt. 20.28.

distancia da compreensão do amor de Deus pelo homem: a plataforma de Descartes.

Nessa plataforma, a moral e o mérito são construídos a partir do sujeito, conceituando e demonstrando “valores” por linhas rígidas da moralidade social e da meritocracia. A mesma se torna clara nos conceitos psicanalíticos, parte da estrutura psíquica neurótica da sociedade da lei.

Tem-se a necessidade de ampliar as pesquisas em direção ao desenvolvimento edípiano com intenções claras de observar e aprofundar nas estruturas do psicótico e perverso, compreendendo que a sociedade neurótica a qual Freud pesquisou, sofreu no último século uma alteração profunda e acelerada.

As outras plataformas¹³ demonstram encontro com o sujeito possibilitando a compreensão do amor de Cristo por todos. E denuncia que o gabinete pastoral precisa ser um lugar mais amplo na aceitação e afeto.

Fica claro que a plataforma de conhecimento “loucura para homens” está abaixo da linha da moral, pois seus valores não são baseados na meritocracia, não se aproximam do compromisso e dos valores neuróticos. Ao contrário, trata cada estrutura psíquica com o seu devido cuidado e afeto, e compreende-se que este patamar é de milagre. E a melhor plataforma que se aproxima em palavras para expressar definições de sentimentos é a plataforma da psicanálise.

Nela se observa o sujeito e a construção de suas expressões sociais e religiosas. Nela, Freud e todos que o sucederam trazem contribuições relevantes para nos aproximar do sujeito em sua íntegra essência.

¹³A denominação de plataformas de conhecimento e o seu perfil característico são partes das concepções do autor da dissertação. São elas: Plataforma de conhecimento Psicanalítico, Cartesiana e Loucura para os homens.

CAPÍTULO 1

PSICANÁLISE, ESPIRITUALIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE.

1.1. A PSICANÁLISE E A ESPIRITUALIDADE

A busca por respostas no espaço da espiritualidade sempre foi tema de debates entre a Ciência e a Religiosidade. Toda a forma de investigação científica constantemente produz o desejo de criar meios para alcançar algo explicável diante do não visível. E esses enfrentamentos geram atritos em várias sociedades, incluindo a sociedade Acadêmica e Religiosa.

Psicanálise é o nome de: (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos, e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.¹⁴

A psicanálise em sua técnica, método e prática, têm muito a oferecer na busca de se aproximar do real¹⁵. A investigação é algo que convida qualquer um a mergulhar em insondáveis caminhos do saber. Nessa caminhada, a pesquisa não procura interesses ou formas de levantar dúvidas sobre o caráter ou índole de qualquer sujeito, ou mesmo sua forma e prática de fé.

Fazendo uso a priori da técnica Psicanalítica¹⁶, como método investigativo e metapsicologia¹⁷ desenvolvida por Sigmund Freud, busca-se aproximar do sujeito

¹⁴ FREUD (1923-1925) O Eu e o Id. Vol. XVI, 1923, p.107.

¹⁵Real: Termo empregado como substantivo por Jacques Lacan, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da Filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar. Utilizado no contexto de uma tópica, o conceito de real é inseparável dos outros dois componentes desta, o imaginário e o simbólico, e forma com eles uma estrutura. Designa a realidade própria da psicose (delírio, alucinação), na medida em que é composto dos significantes foracluídos (rejeitados) do simbólico. ROUDINESCO, 1998, p. 644-645.

¹⁶Muito embora Freud tenha formulado recomendações, elas são habitualmente conhecidas como regras, talvez pelo tom pedagógico e algo superegóico com que ele os empregou nos seus textos. Convém lembrar que são quatro essas regras: a regra fundamental (também conhecida como a regra da livre associação de idéias); a de abstinência; a da neutralidade; e a da atenção flutuante. Creio que é legítimo acrescentar uma quinta regra, a do amor à verdade e à honestidade como condição sine qua non para a prática da psicanálise. ZIMERMAN, David Epelbaum. Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica, 1999, p. 25.

¹⁷Metapsicologia: Termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica. A abordagem metapsicológica consiste na elaboração de modelos teóricos que não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou uma observação clínica; ela se define pela consideração simultânea dos pontos de vista dinâmico, tópico e econômico. Roudinesco, 1998, p.511.

em suas várias percepções com a intenção de elaborar os mecanismos de defesa¹⁸, a transferência¹⁹, suas percepções, carências e desejo no sentido de sua prática de fé. Na busca de sentidos e na ânsia de se aproximar em palavras de sentimentos, a psicanálise nos permite, a partir de sua experimentação teórica e metodológica, pensar a atuação da prática do conselheiro pastoral. Naturalmente a percepção da prática psicanalítica, aproxima em cuidado e compreensão da prática do aconselhamento pastoral.

Ao pensar na prática pastoral e psicanalítica, é natural ter-se em mente as plataformas de conhecimento das quais busco trabalhar em nossa sociedade e assim procurando refletir a influência da percepção cartesiana. Os pensamentos cartesianos “são diametralmente coordenados e organizados”²⁰ isso por si permeia a construção das teorias e ideias da sociedade atual, em meio à várias correntes de ensino e prática, incluindo várias linhas teológicas ao longo da história da Igreja.

Descartes no decorrer de sua construção teórica teve como síntese de sua obra a frase: “Penso logo existo”. A mesma em seu pragmatismo e investigação profunda buscava encontrar, a partir de criteriosa observação, um olhar mais lógico

¹⁸Mecanismo de Defesa – Sob este título designam-se os distintos tipos de operações mentais que têm por finalidade a redução das tensões psíquicas internas, ou seja, das ansiedades. ZIMERMANN, 1999; p.128.

¹⁹Transferência – Termo progressivamente introduzido por Sigmund Freud e Sandor Ferenczi (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos. Historicamente, a noção de transferência assumiu toda a sua significação com o abandono da hipnose, da sugestão e da catarse pela psicanálise. Roudinesco. 1998, p. 766.

²⁰ O século XVII representa, na história do homem, a culminação de um processo em que se subverteu a imagem que ele tinha de si próprio e do mundo. A emergência da nova realidade cultural, a ciência física, que se exprime matematicamente. A atividade filosófica, a partir daí, reinicia um novo trajeto: ela se desdobra como uma reflexão cujo pano de fundo é a existência dessa ciência. A revolução científica determinou a quebra do modelo de inteligibilidade apresentado pelo aristotelismo, o que provocou, nos novos pensadores, o receio de enganar-se novamente. A procura da maneira de evitar o erro faz surgir a principal característica do pensamento moderno: a questão do método. René Descartes (1596-1650), cujo nome latino era Cartesius (daí seu pensamento ser conhecido como “cartesiano”), é considerado o “pai da filosofia moderna”. Dentre suas obras, o Discurso do Método e Meditações Metafísicas, expressam a tendência de preocupação com o conhecimento. O ponto de partida é a busca de uma verdade primeira que não possa ser posta em dúvida. Por isso, converte a dúvida em método. Começa duvidando de tudo, das afirmações do senso comum, dos argumentos da autoridade, do testemunho dos sentidos, das informações da consciência, das verdades deduzidas pelo raciocínio, da realidade do mundo exterior e da realidade de seu próprio corpo. Como já vimos, se o pensamento que o sujeito tem do objeto concorda com o objeto, dá-se o conhecimento. Mas qual é o critério para se ter certeza de que o pensamento concorda com o objeto? Isto é, um dos problemas que a teoria do conhecimento terá que propor e solucionar é aquele de saber quais são os critérios, as maneiras, os métodos de que se pode valer o homem para ver se um conhecimento é ou não verdadeiro. Descartes só interrompe essa cadeia de dúvidas diante do seu próprio ser que duvida. Se duvido, penso; se penso existo: “Cogito, ergo sum”, “Penso, logo existo”. Eis aí o fundamento, o ponto de partida para a construção de todo o seu pensamento. ARANHA; Maria Lucia de Arruda. *Filosofando, Introdução à Filosofia*. 1993, pp. 103-104.

da existência. Descartes foi o fundador da filosofia da época moderna, depois da imponente redescoberta do homem e da natureza no Renascimento, surgiu novamente a necessidade de reunir todas as idéias contemporâneas num único “sistema filosófico”. O primeiro grande construtor de sistema foi Descartes, e seguiram-se Ihe Espinosa e Leibniz, Locke e Berkeley, Hume e Kant²¹.

Freud vai provocar, tempos depois, esse pragmatismo e lógica de Descartes em sua frase que se torna o construto de toda base da psicanálise: “O eu não é senhor em sua própria casa”. Filósofos, como Descartes, Kant e inúmeros outros, discutiram sobre a natureza da consciência²². Freud foi pioneiro ao instituir o conceito de inconsciente. O determinismo psíquico da vida mental levou Freud a observar que nada acontece por acaso: o comportamento humano também é governado por processos inconscientes, onde o conteúdo reprimido pelos processos mentais (inconsciente) pode emergir a qualquer momento, sem que se tenha controle sobre isto²³. A própria pulsão²⁴ pertence à categoria dos elementos inconscientes e, surgindo na fronteira entre o psíquico e o somático, determina, em grande parte, o comportamento, sem que tenha consciência ou controle sobre os processos.

A busca e a compreensão de pensar em uma terceira plataforma de conhecimento é a que se aproxima do texto bíblico: "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios..."²⁵

²¹ GAARDER, Jostein; Mundo de Sofia, 2012, p.154.

²²Freud dava à ‘filosofia’ um sentido especial. Ao verdadeiro estilo Iluminismo, ele investia contra o filosofar dos metafísicos, vendo aí abstrações inúteis. Era igualmente avesso aos filósofos para quem o âmbito da mente limitava-se à consciência. A filosofia dele era o empirismo científico, encarnado numa teoria científica da mente. GAY, Peter. Freud: Uma vida para o nosso tempo. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 133.

²³ Em psicanálise*, o inconsciente é lugar desconhecido pela consciência: uma “outra cena”. Na primeira tópica* elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou um sistema (Ics) constituído por conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente* e o consciente* (Pcs-Cs). Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso* e, em grande parte, o eu* e o supereu*.
ROUDINESCO, 1998. Pág.375.

²⁴Termo surgido na França em 1625, derivado do latim pulsio, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud a partir de 1906 tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. ROUDINESCO, 1998. Pág.628.

²⁵ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, 2012, 1 Cor 1.22-23.

Percebe-se no texto, que o conhecimento do Cristo crucificado é o poder e sabedoria de Deus que se colocam diante de outras plataformas de conhecimento em sociedade.

Assim, busca-se a compreensão e a honra dessa outra plataforma de conhecimento para se construir um caminho de reflexão com o intermédio da transdisciplinaridade.

Para a psicanálise e sua plataforma de conhecimento, pensar a cultura, pensar o sujeito em sua subjetividade, pensar aquilo que é “inominável” como percepção clara de alcançar em sentimento algo que não é tão perceptível, nem organizado e muito menos de fácil acesso e explicação, trazer palavras para expressar sentimentos em um espaço subjetivo, é da ordem do impossível.

A psicanálise, longe de pretender alcançar abstração e objetivação, aceita a implicação do analista nas interações múltiplas com o seu objeto – que, precisamente, não é um objeto, mas outro sujeito, a ser apreendido, investigado, e tratado em sua singularidade subjetiva. Nessa investigação, as experiências, os tropeços e deslizes desse sujeito singelo estão no primeiro plano e não as objetividades do seu comportamento manifesto, dos seus sintomas, dos seus atos e ações.²⁶

Estes aspectos se deixam exemplificar pela questão da interpretação e se referem, implicitamente, a uma concepção do homem dividido entre a sua superfície e o seu núcleo, seja ele definido como for. Sem essa distinção entre um manifesto e um latente, não faz sentido falar em interpretação.

A investigação e a plataforma de conhecimento psicanalítico procuram se aproximar de uma linha tênue, de forma tão vasta e, por consequência, interpretar através dos sentimentos, saberes e o próprio olhar do pesquisador, algo que ainda se encontra no meio das comunidades cristãs como tabu.

²⁶ Por mais tentado que possa se sentir o analista a se tornar o educador, o modelo e o ideal de seus pacientes, qualquer que seja o desejo que tenha de moldá-los à sua imagem, ele precisa lembrar-se de que esse não é o objetivo que procura atingir na análise e até de que fracassará em sua tarefa entregando-se a essa tendência. Assim agindo, ele apenas repetiria o erro dos pais cuja influência sufocou a independência da criança e substituiria a antiga sujeição por uma nova. ZIMERMAN, 2004, p. 85.

Dessa forma, o olhar do pesquisador percebe e permeia entre a fala e sentimentos que estão diante de uma barreira para a compreensão e interpretações rígidas e que não permitem que a comunidade cristã olhe para a pessoa do conselheiro ou pastor como um homem, com seus conflitos e sua finitude. Assim, o pesquisador vai além, perpassando o olhar em um tema que o meio cristão receia pensar e abordar, que é a sexualidade em toda sua maneira de expressão. Seja no âmbito do encontro com o outro ou mesmo o encontro consigo.

Ao analisar a história de Moisés²⁷, percebemos que ao subir a montanha e lá ficar por 40 dias na companhia de Jeová (Deus), denuncia duas circunstâncias de forma e de cunho inconsciente.

O inconsciente denomina não só ideias latentes em geral, mas, sobretudo, aquelas com determinado caráter dinâmico, ou seja, aquelas que, apesar de sua intensidade e atividade, se mantêm distantes da consciência. (...) O inconsciente é uma fase inevitável que ocorre regularmente nos processos que constituem nossa atividade psíquica e todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode assim permanecer, ou pode desenvolver-se em direção à consciência, dependendo de encontrar ou não resistência.²⁸

O sujeito na companhia do que lhe dá prazer de forma alguma sente falta de outro desejo, pois nesse prazer existe a prática da sublimação inconsciente. Em uma análise mais próxima, o sujeito de forma direta, na presença de um prazer maior, naturalmente substitui todos os outros prazeres para a única forma de prazer maior.

No inconsciente, tudo que encontramos são conteúdos formados de cargas de investimentos que podem ser mais ou menos intensas. Tais energias utilizam-se do processo de deslocamento: uma idéia ou representação pode passar toda a soma de sua carga de investimento para outra idéia. Além disso, utilizando também de processo de condensação: a idéia ou representação pode apropriar-se da carga de investimento de várias outras ideias²⁹.

²⁷ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, 2012, Êx. 24.12.

²⁸ FREUD, 1912, p. 85-87

²⁹ Um trauma psíquico pode se produzir, seja pelo choque da perda do ser amado, seja por ocasião de um acontecimento inócuo que vem acrescentar-se a uma longa série de microtraumas não sentidos pelo sujeito. Cada um desses traumas pontuais provoca uma imperceptível dor, da qual o sujeito não tem consciência. A acumulação progressiva dessas múltiplas dores cria tal estado de tensão que basta a faísca de um acontecimento inócuo para liberar a dor até então contida e vê-la explodir sob forma consciente. O menor acontecimento desencadeador pode ser tanto exterior quanto interior ao eu. Uma lembrança ou um sonho insignificante pode aparecer em circunstâncias tão precisas que libera um afluxo selvagem de excitações

Em um segundo momento, percebemos a retratação da ausência de Moisés no arraial, onde todos sentem inconscientemente³⁰ a ausência de seu prazer. Moisés tomará no inconsciente da comunidade o poder da sublimação³¹ e prazer para o povo.

Isso apenas retrata uma parte do desejo e significa que a manifestação sexual também era vivida com intensidade. Mas em qual direção estava voltada? Na ocasião da ausência, gerou-se a necessidade de algo que suprisse o desejo e pulsão. O deus *Baal* (que significa Marido ou Esposo)³² foi ofertado com todas as oferendas conscientes e inconscientes de prazer.

1.2. COMPREENDENDO A PULSÃO PSICANALÍTICA NA COSTURA TRANSDISCIPLINAR

O termo pulsão – *Trieb*³³ - do alemão remete à ideia de um impulso. Segundo Roudinesco³⁴, é empregado por Freud na época pré – psicanalítica nos anos de 1890/98, a partir de carta endereçada a *Fliess*³⁵.

internas, que transbordam e ferem o eu. Esse estado é então vivido sob a forma de uma dor do trauma. NASIO, Juan-David. O livro da Dor e do Amor. 1997, p. 59.

³⁰ O sistema inconsciente explicado como uma região sem tempo e sem espaço é inacessível à consciência, compondo-se de uma pluralidade de representantes pulsionais (Pulsão: conceito complexo na teoria freudiana que representa uma carga energética que impulsiona o organismo a buscar um objetivo), ou seja, representações inconscientes, que consistem em imagens acústicas, visuais ou táteis. ROUDINESCO. 1998, p.374.

³¹SUBLIMAÇÃO: Termo derivado das belas artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar) para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais além da consciência. Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força de pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. ROUDINESCO. 1998, p.734

³²No Novo Testamento (Brit Hadashah) traduzido em ARAMAICO, a palavra BAAL é usada, significando, literalmente, "esposo/marido" de mulher (Mc 10.12; Lc 2.36; Jo 4.12; Rm 7.2; 1 Co 7.2; Ef 5.22; Tt 1.6; 1Pe 3.1) Etimologia da palavra Baal. <http://axiomafinal.blogspot.com.br/2013/07/baal-significado-e-etimologia.html?m=1> acessado 08/08/2015.

³³ SUBLIMAÇÃO: Termo derivado das belas artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar) para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais além da consciência. Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força de pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. ROUDINESCO, 1998, p.734.

Posteriormente, o termo pulsão surge na literatura psicanalítica na condição de conceito, forjado por Freud a partir de 1905, no texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, essencialmente designando pulsão sexual, subscrivendo um impulso do qual a libido constitui a energia, por outro lado diferenciando-a radicalmente do instinto sexual – *Instinkt* – que designa os comportamentos observados genericamente no reino animal.

Desse modo, Freud recusa a dimensão instintual concebida com metas e objetivos específicos, aborda o processo de transmutação que converte a expressão *Trieb* (pulsão)³⁶ num conceito essencialmente psicanalítico e este passa a instituir uma conotação específica ao refletir uma força elementar do psiquismo. Assim, a pulsão cuja natureza é obscura e indeterminada é apreendida como um dos conceitos fundamentais da psicanálise.

Por pulsão, pode-se entender apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente para diferenciá-la do estímulo que é produzido por excitações isoladas, vindas de fora.³⁷

Somente se conhece a pulsão pelo psíquico, ela não se inscreve na ordem da significação, da simbolização. É um conceito, um suposto que quer circunscrever a exigência psíquica provinda do corpo, que procura sempre uma satisfação. Ela se inscreve na ordem do orgânico, psíquico e cultural.³⁸

Conforme aponta Bloch³⁹, as pulsões no curso da sua história, devido ao seu aspecto cambiante, não permanecem da mesma forma nem tão pouco apresenta como acabadas, depende da cultura na qual o sujeito possa estar inserido. Assim por dizer, o corpo age nas pulsões. O ser humano traz consigo várias pulsões, em alguns momentos aparecem com mais força, em outros agem

³⁴ ROUDINESCO, Elisabeth, *Dicionário Psicanálise*, 1998.

³⁵ Wilhelm Fliess (1858-1928), médico alemão especialista em otorrinolaringologia, amigo íntimo de Freud e teórico da bissexualidade. ROUDINESCO, 1998, p. 239.

³⁶ Neste sentido, a pulsão (*Trieb*), entendida como um estímulo que reivindica à psique ser descarregada e sendo “emanada” de fontes orgânicas, está ligada ao prazer desejo do órgão (*Organlust*), e pode-se dizer que ela é a própria precondição de um querer que só mais tarde será sintetizado. (ver verbete “Pulsão” (*Trieb*), p. 338). HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, 1996. P. 338.

³⁷ FREUD, Sigmund. (1905) *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vol. VII, 1996, p. 52 -53.

³⁸ Pulsão: Termo surgido na França* em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Sigmund Freud*, a partir de 1905 formou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definida como da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. ROUDINESCO, 1998, p.628.

³⁹ BLOCH, Ernst. *O Princípio da Esperança*, 2005, p. 56.

simultaneamente, pois ele não só preserva a maior parte das pulsões animais bem como gera outras. Assim, não só o seu corpo, mas o seu eu é igualmente afetivo. Nas palavras deste autor, a pulsão necessita de alguém por trás dela, porque nem tudo gira em torno do eu. A pulsão sobrevém o sujeito por isso, existe continuamente um corpo vivo que quer se manter; em primeiro lugar, o corpo vivo individual: sendo movido por estímulos e transbordando deles, possui os impulsos, que não pairam de modo genérico⁴⁰. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com as suas fontes somáticas e seus alvos.

Portanto, a pulsão é possível de ser concebida como um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico compreendendo esse corpo enquanto parte de uma experiência psíquica; não é o corpo fisiológico, mas o corpo erógeno, sensível de prazer, um corpo voltado ao prazer e ao desprazer, onde estão as raízes da constituição psíquica, diferentemente do corpo biológico.⁴¹

Assim, também Hans⁴², considera a pulsão como uma força poderosa de natureza indomável, atemporal, com vida própria. Manifesta-se incessantemente de maneira indeterminada no ser vivo, dominando o seu corpo e sua alma. Ela brota de um órgão ou glândula, emitindo estímulos para a psique, sendo estes estímulos percebidos pelo sujeito sob a forma de imagens, representações e afetos.

O mesmo autor em 2004 discute alguns termos utilizados acerca do conceito de pulsão tais como: pressão - fator motor, propriedade universal das pulsões; meta - busca progressiva de satisfação; objeto - meio em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Acrescenta que a pulsão não tem predeterminação do objeto estabelecido a priori. Este é o elemento mais variável na pulsão, é o que tem de mais subjetivo. “Em rigor, não é preciso ser outro objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo”, portanto, não possui destino próprio, possui fonte própria de satisfação. E por fonte da pulsão trata-se do processo

⁴⁰ FREUD; Sigmund. (1905) 1996.p. 52 e 53.

⁴¹ 41 Anotações de aulas proferidas pela Prof.^a Dr^a Ana Vicentini de Azevedo, ao longo da Disciplina Tópicos Especiais em Psicanálise, 2º semestre de 2013, Instituto de Psicologia da UnB.

⁴² HANNS, Luiz Alberto. 1999, p. 43.

somático que ocorre em um órgão ou em parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão.⁴³

Freud em 1905, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, descreve sobre o termo “pulsão sexual” ao analisar as inversões e perversões, tal como ela se apresenta nos adultos em suas múltiplas variações, verificando analogia entre as práticas perversas no adulto e os comportamentos das crianças.

Apointa como a pulsão sexual se compõe e os distúrbios que podem ocorrer em seu desenvolvimento, na função da sexualidade. Ao discorrer neste texto sobre a sexualidade humana, o autor sublinha como esta é vista como uma força pulsional, a qual busca sempre o prazer, possui estreita relação com a primeira infância e constitui um pólo determinante da subjetivação humana.⁴⁴

1.3. A TRANSDISCIPLINARIDADE

Nesta perspectiva, trazemos as reflexões de Morin, conceituando a partir dos encontros subjacentes ao pensamento científico por todos os setores. Combinações estas entre ordem e desordem, acaso e necessidade, o que chama a atenção é que essas combinações, essa dialógica, constituem a própria complexidade.⁴⁵

A complexidade decorre do paradigma-sistema, nomeado como complexo justamente por unir percepções e noções que se excluem no âmbito da simplificação/redução. Pressupõe o desafio de se trabalhar com a incerteza; incerteza essa provocadora do pensamento complexo, pois nunca haverá uma palavra-chave, uma fórmula que comande o universo. Complexidade é pensar o uno e o múltiplo, o certo e incerto, o lógico e contraditório. Em resumo, é a inclusão do observador na observação que Morin assim descreveu:

(...) temos de reconhecer o campo real do conhecimento. Ele não é o objeto puro, mas o objeto visto, percebido e co-produzido por nós. O

⁴³ HANNS, 1999, p. 149.

⁴⁴ ROUDINESCO, 1998, p.628.

⁴⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1986. Complexus - aquilo que é tecido junto.

objeto do conhecimento não é o mundo, mas a comunidade nós-mundo, porque o nosso mundo faz parte da nossa visão do mundo, que faz parte do nosso mundo. Em outras palavras, o objeto do conhecimento é a fenomenologia e não a realidade ontológica. Essa fenomenologia é a nossa realidade de seres no mundo.⁴⁶

Perceber que a concepção de mundo e ciência do qual falamos, tem relação com aquilo que vivemos e abstraímos da existência, a partir da singularidade e percepção do próprio sujeito, provoca o olhar no campo real e o pensar o objeto do conhecimento não como forma externa, fixa e rígida, mas, permite a observação fenomenológica do existir a partir de uma visão interior que constrói uma observação exterior. O conhecimento científico é a manifestação fenomenológica do sujeito e através dele manifestação para além do sujeito como forma de alcançar a percepção do mundo.

Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas consegue expressar, de modo muito adequado e rico, o que aqui vale a pena registrar:

O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam⁴⁷

A partir dessa noção, a complexidade inscreve-se muito mais na ordem de desafio do que de resposta, ou seja, trabalhando com a incerteza, provoca o fazer e refazer o trabalho, quantas vezes forem necessárias, pois o objetivo do conhecimento científico não é descobrir o segredo do mundo, mas dialogar com o mistério do mundo. Lembrando-se do pensamento de Guimarães Rosa, as pessoas não estão sempre iguais. Ainda não foram terminadas. Na verdade, as pessoas nunca serão terminadas, pois estarão sempre se modificando.

Dessa forma, torna-se evidente que não existe um paradigma de complexidade no mercado, pois esse busca provocar e incitar a estratégia/inteligência do sujeito, considerar a complexidade e dimensões da questão estudada. Busca nas palavras de Morin, a distinguir e fazer:

Comunicar em vez de isolar e de separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de homogeneizá-la em indistinta

⁴⁶ MORIN, E. Ciência com consciência, 2005, p. 205.

⁴⁷ GUIMARÃES, João Rosa. 1976, p.20.

totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda realidade estudada.⁴⁸

A referência ao caráter de multidimensionalidade da realidade remete à questão também eminentemente epistemológica da interdisciplinaridade, que se impôs no período histórico da chamada Pós-Modernidade, mas que Morin⁴⁹, considera estar na atualidade se tornando superior pela noção da transdisciplinaridade, pois a ciência nunca teria sido ciência se não tivesse sido transdisciplinar.

A partir desta noção, o autor nos remete ao percurso da história da ciência caracterizado por grandes unificações transdisciplinares sob a chancela de nomes como, por exemplo, Newton, Einstein; de filosofias subjacentes tais como o Empirismo, Positivismo ou até mesmo do que se chamou de Imperialismo Teórico (Marxismo, Freudismo). Muitas vezes, em nome de princípios transdisciplinares ocorreu o enclausuramento de disciplinas, por isso concordou-se que talvez mais importante do que o fazer transdisciplinar seja interrogar-se sobre que transdisciplinar é preciso fazer.⁵⁰

Os argumentos apresentados por Morin suscitam possíveis relações quanto à reflexão epistemológica sobre a ciência moderna e que não podem escapar ao círculo hermenêutico, ou seja, que para entender qualquer de suas partes (as diferentes disciplinas científicas) é preciso a compreensão de como trabalha o seu todo e vice-versa; a totalidade não pode ser compreendida sem a percepção de como trabalham as suas partes.

Em outras palavras, o autor considera que: a reflexão hermenêutica permite romper o círculo vicioso do objeto-sujeito-objeto, ampliando a compreensão, da comensurabilidade e, portanto, da intersubjetividade e, por essa via vai construindo o ganho para o diálogo eu/nós - tu/vós o que agora não é uma relação mecânica eu/nós - eles/coisas. Para o autor, a reflexão hermenêutica concomitante à crítica das correntes dominantes da epistemologia, visa compreender a prática científica muito além da consciência imatura ou oficial dos cientistas e das instituições de

⁴⁸MORIN. 2005, p. 136.

⁴⁹MORIN. 2005, p. 136.

⁵⁰ MORIN. 2005,p.136.

ciência, com vista a aprofundar o diálogo dessa prática com as demais práticas de conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo.

Nesse ângulo, qual seria a perspectiva em relação a questão transdisciplinar que é preciso fazer? De imediato, ressalta-se a incapacidade dessa questão ser respondida pelo paradigma no qual se tem sustentado o nosso conhecimento científico, uma ciência que, ao se posicionar com relação à exclusão do sujeito, rouba também a condição de elaborar e refletir. A questão mais importante se torna o retorno do sujeito, que sempre esteve na ordem do dia, pois nas observações, por mais objetivas que sejam, sempre há um componente subjetivo.

Em outras palavras, se vivemos ainda sob os princípios da idade clássica do século XVIII ao fim do XIX são, portanto, esses princípios que devem ser transformados, pois essencialmente levaram à exclusão do sujeito, determinaram e controlaram a produção do conhecimento científico. Ignorou-se que as teorias científicas não eram o puro e simples reflexo das realidades objetivas, mas co-produtos das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento. É justamente por tudo isso que a ciência atual é incapaz de determinar seu lugar, seu papel na sociedade, incapaz de prever se o que sairá de seu desenvolvimento contemporâneo serão o aniquilamento, a subjugação ou a emancipação.⁵¹

A transformação dos princípios que levaram às visões fragmentadas e aos diversos tipos de dicotomia constituídos historicamente como: sujeito x objeto, teoria x prática, objetivo x subjetivo, ciências puras x ciências aplicadas, levaram à ruptura desse modelo e em consequência, às profundas alterações na produção do conhecimento, na aproximação dos mais amplos campos do conhecimento, avançando da interdisciplinaridade para a transdisciplinaridade.

É a comunicação com base em um pensamento complexo, aquele que convida a pensar, não como a palavra-mestra que tudo vai explicar, mas a palavra que vai despertar e levar a tudo explorar, enfim, que vai da inter para a transdisciplinaridade.

⁵¹ MORIN. 2005, p. 137.

Recuando um pouco vemos que aquilo que faz o homem progredir não está na afirmação, mas na abertura de visão, no território do olhar e principalmente na maiêutica que cultiva a arte socrática do questionamento.

Da Declaração de Veneza⁵², base da transdisciplinaridade: o estudo simultâneo da natureza e do imaginário, do universo e do homem, poderia assim nos aproximar mais do real e permitir que enfrentemos melhor os diferentes desafios de nossa época.

Pensar os artigos da carta de princípios da transdisciplinaridade demonstra reflexões e considerações a serem norteadores de uma visão mais ampla de pesquisa científica. A carta de intenções provoca e convida o sujeito a olhar o todo em uma visão holística sobre as diversas manifestações do ser no ambiente.

Lembra-nos a constituição do sujeito como biopsicoegossocioespiritual e nos remete ao desafio de construir ciência que possa costurar relações entre as demais ciências. Assim temos a certeza de um ambiente de transdisciplinaridade e a constituição de um olhar mais amplo como método investigativo.

1.4. A LOUCURA PARA OS HOMENS – OUTRA PLATAFORMA DE CONHECIMENTO

A sabedoria clama lá fora; pelas ruas levanta a sua voz.⁵³

A Plataforma de conhecimento que a Bíblia menciona é uma terceira linha de conhecimento em sociedade que se constitui não do saber acadêmico ou empírico, mas de outro olhar, um olhar que a partir da transdisciplinaridade produz a possibilidade de aproximação em palavras da reflexão Psicanalítica, Teológica; não com o objetivo de explicar Deus, mas na busca de aprofundar o olhar sobre a subjetividade do homem. Para isso, os pensamentos de Descartes também serão valiosos nessa tentativa de absorver a percepção daquilo que a Bíblia nomeia de nova vida.

⁵² NICOLESCU, Basarabo. 2005, p. 161.

⁵³ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, Pv 1.20.

A importância da busca em deixar essa plataforma de conhecimento em evidência, se torna vital para a compreensão do todo ao qual se aproximará em palavras de sentimentos. Porque os judeus pedem sinal e os gregos buscam sabedoria.⁵⁴

Paulo ao mencionar na carta de Coríntios a relação de outra sabedoria, inicia dizendo a respeito de conhecimentos e suas interpretações entre as demais sociedades. Os judeus acreditavam em uma manifestação do sobrenatural e os gregos buscavam a sabedoria na filosofia. No comentário teológico de Frank Thielman, há a afirmação de que o conflito descrito na carta aos Coríntios estava firmado no orgulho pessoal, assim como toda a discórdia. Isso se baseava na influência de outros conhecimentos a respeito da própria plataforma de conhecimento do Evangelho.

A essência dessa plataforma de conhecimento se estrutura no fato da Bíblia mencionar que Deus vai livremente ao encontro de seu povo, independente de méritos pessoais ou códigos de éticas.

Os coríntios estavam buscando a identificação em vários líderes desse Evangelho, ao passo que, jogavam as habilidades de retórica de um contra o outro⁵⁵. Paulo vai como resposta ao relato da casa de Cloe sobre a Igreja ter sido atingida por facções.

Os membros da igreja haviam se reunido em volta de nomes de certos líderes⁵⁶, Paulo, Apolo e Cefas, afirmando suas superioridades em relação aos demais. No âmago dessa questão, estava a interpretação afirmativa que possuíam “sabedoria” (além da própria, gabavam-se da adquirida com os mestres). A percepção mais clara do que é a “sabedoria” (*Sophia*) dessa terceira plataforma de conhecimento, se estrutura no pensamento que Jesus Cristo faz menção no Evangelho de João.⁵⁷

Paulo afirma que os coríntios se consideravam “sábios” por seguirem mestres extraordinariamente “sábios”. A referência e a necessidade de estar com os

⁵⁴ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, 1 Co 1.22.

⁵⁵ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, 1 Co4.21.

⁵⁶ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, 1 Co 1.13-17.

⁵⁷ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, Jo 15. 15.

melhores advêm de outros momentos. Gloriar-se de ser maior é um dos pontos do partidarismo que resulta da afirmação de um mestre ser mais sábio que outro.

No Evangelho de Marcos há o relato de que quando os discípulos estavam próximos a Cafarnaum, passaram a fazer perguntas a Jesus na intenção de saber qual deles se destacava como o maior.⁵⁸

A Bíblia, ao longo da sua descrição, traz a loucura para os homens de forma a confundir os valores e intenções. Os pensamentos dos discípulos estão repletos de impressões e momentos onde o que era valorizado se assemelhava aos pensamentos de Descartes: "Se Deus existe e é infinitamente perfeito, não me engana".

A existência de Deus é a garantia de que os objetos pensados por ideias claras e distintas são reais. Portanto, o mundo tem realidade. E dentre as coisas do mundo, o meu próprio corpo existe. O que caracteriza a natureza do mundo são a matéria e o movimento (*res extensa*), em oposição à natureza espiritual do pensamento (*res cogitans*). Podemos perceber, nesse rápido relato, uma tendência forte e absoluta de valorização da razão, do entendimento, do intelecto.⁵⁹

Estabelece-se o caráter originário do cogito como autoevidência do sujeito pensante e princípios de todas as evidências. Os discípulos de Jesus buscavam evidências concretas sobre a experiência e a quantificação, a valorização do "melhor" entre eles.

A loucura para os homens que Jesus declara é a amizade abaixo da linha da moral, a aceitação do sujeito em sua íntegra e a certeza de que ele é falho. Não se espera dele a perfeição e sim que ele ouça. Que ele ouça a Palavra vinda para ele. A loucura para os homens não é pensar que tem em algum lugar sobre a dimensão terrestre um espaço que o leve à terra encantada ou mesmo que haja um mundo paralelo da existência. Também precisamos ter claro como evidência a linha de pensamento cartesiano, pragmático, com certezas a partir da razão.

⁵⁸Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, Mc 9. 33-37.

⁵⁹ARANHA; Maria Lucia de Arruda. Filosofando, Introdução à Filosofia. 1993, p. 105.

A plataforma de conhecimento loucura para os homens não parte da razão, mas do convívio, das experiências experimentadas, das lições apreendidas a partir de um experimentar fenomenológico.

Jesus diz que os seus que andavam com ele não eram servos e sim amigos, por ouvir dele a mensagem do Pai. A experiência da loucura é uma amizade que está abaixo da linha da moral.

O autor Karl Kepler menciona o distanciamento da percepção real do ambiente da igreja local:

Você provavelmente conhece esse medo de tomar decisões erradas. Essa busca por saber a vontade de Deus, “o que eu devo fazer”, é um processo de muita oração, talvez pedimos sinais, talvez pedimos conselhos de pastores ou buscamos palavra com profetas, tudo movido pelo medo de errar, medo da ira de Deus. Veja o paradoxo: nessa situação, quanto mais a Bíblia e oração e pregações buscamos, provavelmente ficaremos piores, mais neurotizados do que antes; o medo só crescerá, pois não estamos em paz. Na prática, não conseguimos assumir ao mesmo a responsabilidade de tomar decisões – queremos “empurrar para Deus” essa responsabilidade (mas desconfio que, como qualquer pai interessado no crescimento de seus filhos, Ele gostaria que aprendêssemos a tomar decisões por nós mesmos, utilizando a formação que dEle já recebemos até esse momento.⁶⁰

O autor denuncia algo que é corriqueiro dentro da cultura do movimento religioso, ou seja, o medo de errar. Poderia nomear como o medo de ser humano. Essa plataforma de conhecimento tem mais relevância com os pensamentos de Descartes do que o acolhimento na plataforma de conhecimento “loucura para os homens”.

A necessidade de se perceber correto se torna maior do que perceber afeto, ou seja, viver as experiências, passar pelo conflito das emoções da consciência e do inconsciente. Experimentar a angústia como forma de sabedoria, evitar o contato real consigo no sentido de olhar o seu reflexo, aprender aceitar sem padrões pré-estabelecidos.

O pensamento científico nos dias atuais tem em seu cerne o desafio de experimentar o contraditório da transdisciplinaridade como forma real de aperfeiçoamento da sua própria técnica de investigação.

⁶⁰ KEPLER, Karl. 2009, p.32.

Pois é no contraditório e na aceitação do outro como é, que se encontra o melhor paralelo de conhecimento a partir da compreensão do outro olhar, e nesse sentido agrega muito mais conhecimento.

Percebo que a plataforma de conhecimento loucura para os homens encontra no pensamento freudiano algo que se aproxima da sua real interpretação. Ou seja, o afeto, a transferência, o acolhimento e o aceitar quem o outro é.

1.5. LACAN O CATÓLICO E A MORTE DE DEUS

A partir do pensamento cartesiano é percebida a revelação da história da Igreja e suas fragilidades e temor, por sua necessidade de alcançar algo concreto, visível e com segurança para se apoiar.

O autor Philippe Julien faz uma análise sobre Jacques Lacan a partir do pensamento estruturado da metodologia psicanalítica sobre o religioso. Jacques Lacan traz uma reflexão sobre a psicanálise e religião partindo dos dois textos de Freud sobre a gênese da religião: Totem e Tabu e Moisés e o Monoteísmo; Três ensaios, de 1913; outro de 1939.

Segundo o autor, esses dois textos são os que apresentam Deus como um retorno do Pai. Não por causa da *Hilflosigkeit* (desamparo), mas devido ao complexo de Édipo, ou seja, da sexualidade infantil.

Por isso esses textos concernem a transmissão da lei edipiana⁶¹ para a humanidade da proibição do incesto. Para Philippe, Totem e Tabu, dirá Freud em

⁶¹Correlato do complexo de castração e da existência da diferença sexual e das gerações: o complexo de Édipo é uma noção tão central em psicanálise quanto a universalidade da interdição do incesto a que está ligado. Sua invenção deve-se a Sigmund Freud, que pensou através do vocábulo *Odipuskomplex*, num contexto ligado ao personagem de Édipo, criado por Sófocles. O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto. Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o

Psicologia de grupo (cap. XII), é um “Mito Científico”. Não se trata de uma expressão contraditória; de fato, é a partir do relato mítico das origens da lei que se pode extrair um saber científico sobre a proibição do incesto.

Lacan acrescentará: É justamente por isso que o importante de Totem e Tabu é ser um mito, talvez o único mito de que a época moderna tenha sido capaz de gerar. E foi Freud quem o inventou...⁶²

Porque Deus não está morto, compreendemos a lei da proibição do incesto é a um só tempo a percepção de ser gerada e transmitida. Mas, ao falar dos traços obsessivos do comportamento e do ritual religioso, Freud mostrou que a religião consiste, antes em “evitar o vazio”, menciona Philippe⁶³.

Essa fórmula não satisfaz Lacan, que acrescenta: “Uma palavra como respeitar o vazio, talvez tenha mais alcance”.⁶⁴

Lacan vai insistir a esse respeito ao tratar da narrativa bíblica do livro do Êxodo (3.13-14). Moisés disse a Deus: “Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome”? Que lhes direi?⁶⁵ E Deus disse a Moisés: “*èhyèh Asher èhyèh*”. A tradução não é simples, é objeto de uma escolha, de certo discurso sobre Deus.

André Choraqui vai dizer sobre esse momento. *Èhyèh* significa estar presente em todas as dimensões concebíveis de uma presença concreta. O sentido é aqui reforçado pelo desdobramento da afirmação: *èhyèh Asher èhyèh*. Alguns teólogos puderam entender esta frase como uma rejeição da própria questão ou como uma recusa de qualquer resposta⁶⁶.

André Choraqui menciona que o texto diz exatamente o contrário desta interpretação. Com efeito, Asher, que liga os dois *èhyèh*, é a mais sutil das

qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens a sua genealogia familiar e histórica. ROUDINESCO, 1998. p. 166.

⁶² Jacques Lacan, O Seminário 7, A ética da psicanálise, 1988, p. 216.

⁶³ Philippe, 2010, p.47.

⁶⁴ LACAN, 1988, p. 162.

⁶⁵ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero. 2012, Êx. 3.13-14.

⁶⁶ CHOURAQUI, André. Moisés Profeta do mundo moderno? 1995, p. 126-127.

conjunções. Poder-se-ia traduzí-la corretamente por dois pontos, iludindo aquele que equivoca: Eu sou: eu sou.

Quando Moshé diz aos Hebreus: *èhyèh*, 'Eu Sou' como Ihe tinham mandado, não designa alguém que se situaria no fundo dos céus ou além dos mares, como Deuteronômio o dirá. Este 'Eu Sou' designa necessariamente Aquele que pronuncia esse Nome, tal como Aquele que o escuta e o repete. 'Eu Sou' repercute-se assim no infinito das épocas e de época em época, nas encarnações da Presença. Um ruído formidável faz-se ouvir em todo o lado em que esse Nome – *èhyèh* se pronuncia em verdade. O ruído das correntes quebradas da escravatura, no fracasso de ídolos mortos e destituídos dos seus tronos ilusórios.

Eu sou é assim a chave de todas as libertações do homem, subtraído aos logros da magia e do mito, finalmente confrontado com a realidade do ser e podendo dizer, também ele: Eu sou: Eu sou, sim, Eu sou quem sou. Uma vez que todo o homem se arrisca em qualquer momento a esquecer a sua identidade, o nome estará lá para Ihe recordar, ontologicamente ligada à de *Adonai*, o seu *Elohims*.⁶⁷

Lacan cita essa passagem do Êxodo várias vezes em seus seminários.⁶⁸ E traduz assim: “Sou (serei) o que sou (serei)”, ou seja, ele não tem nome pronunciável.

É o vazio. Deus não chama a Si próprio com um nome próprio. Só pode ser chamado de Nome do Pai por outros que não Ele: por seu Filho Jesus e, em seguida, por seus filhos e filhas que a Ele se dirigem assim: “Nosso Pai, que estás no céu, santificado seja o Teu nome.”⁶⁹

A percepção de Philippe através do vazio é de suma importância quanto à necessidade de interpretar o espaço da falta. Freud deixa claro com outras palavras o que seria esse vazio e sua necessidade dentro da formação do sujeito.

⁶⁷ CHOURAQUI, 1995. P. 126-127.

⁶⁸ Em 23 de Dezembro 1959 e 16 Março de 1960, na Ética da Psicanálise; em 20 de Dezembro 1963, em Nomes-do-Pai; em 26 de Abril 1967, na Lógica da Fantasia; em 4 de Dezembro 1968, 11 de dezembro 1968 e 4 Junho 1969, em De um Outro ao Outro; em 21 de Janeiro 1973, em Mais, ainda; e em 15 de Abril 1975, em R.S.I.

⁶⁹ PHILIPPE, 2010, p. 48.

O desejo⁷⁰ é sempre em relação ao desejo do outro, aponta para a falta, desliza como que uma série interminável, numa satisfação sempre adiada, nunca atingida.

Não implica numa relação com o objeto real, mas com o fantasma. O desejo não é satisfeito, ele realiza-se em objetos, mas não se satisfaz, sendo uma rede sem fim de significantes.⁷¹ É diferente da necessidade, esta se satisfaz através de uma ação específica.

A psicanálise não compactua com a ideologia moderna da eliminação radical do sofrimento que contraria a constituição do sujeito humano, na qual essa dor é tão constitutiva do viver como a alegria. Ela oferece a possibilidade de viver o sofrimento psíquico com o outro, para poder gradativamente se apropriar dos meios de suportá-lo e transformá-lo.⁷²

Ela denomina esse vazio por angústia do desejo e trabalha a mesma como sendo fundamental para a construção do sujeito.

⁷⁰ Termo empregado em filosofia, psicanálise e psicologia para designar, ao mesmo tempo, a propensão, o anseio, a necessidade, a cobiça ou o apetite, isto é, qualquer forma de movimento em direção a um objeto cuja atração espiritual ou sexual é sentida pela alma e pelo corpo. Em Sigmund Freud, essa idéia é empregada no contexto de uma teoria do inconsciente para designar, ao mesmo tempo, a propensão e a realização da propensão de um anseio ou voto (Wunsch) inconsciente. Segundo essa formulação freudiana clássica, empregam-se como sinônimos de desejo as palavras alemãs *wunscherfüllung* e *wunschbefriedigung* e a expressão inglesa *wish fulfillment* (desejo no sentido da realização ou santificação de um anseio inconsciente). Entre os sucessores de Freud, somente Jacques Lacan conceitou a idéia de desejo em psicanálise a partir da tradição filosófica, para dela fazer a expressão de uma cobiça ou apetite que tendem a se satisfazer no absoluto, isto é, fora de qualquer realização de um anseio ou de uma propensão. Segundo essa concepção lacaniana, emprega-se em alemão a palavra *Begierde* e em inglês a palavra *desire* (desejo no sentido de desejo de um desejo). ROUDINESCO, 1998. P. 146.

⁷¹ Termo introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913), no quadro de sua teoria estrutural de língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou inconsciente) que determina os atos, as palavras o destino do sujeito, à sua revelia e a maneira de uma nomeação simbólica. ROUDINESCO, 1998, p. 708.

⁷² Para quem pratica a psicanálise, revela-se com toda a evidência, graças à notável lente da transferência analítica, que a dor, no coração do nosso ser, é o sinal incontestável da passagem de uma prova. Quando uma dor aparece, podemos acreditar, estamos atravessando um limiar, passamos por uma prova decisiva. Que prova? A prova de uma separação da singular separação de um objeto que, deixando-nos súbita e definitivamente, nos transtorna e nos obriga a reconstruir-nos. A dor psíquica é dor de separação, sim, quando a separação é erradicação e perda de um objeto ao qual estamos tão intimamente ligados, a pessoa amada, uma coisa material, um valor, ou a integridade do nosso corpo, que esse laço é constitutivo de nós próprios. Isso diz como o nosso inconsciente é o fio sutil que liga as diversas separações dolorosas da nossa existência. NASIO. 1997, p. 18.

Em contrapartida, muito cedo surgiu o discurso dos padres da Igreja e dos teólogos que traduziam no sentido de uma metafísica: “Sou aquele que é” – não o vazio, mas a plenitude de ser, pronunciável por Deus.⁷³

Há, portanto, duas transmissões, duas interpretações. E não é sem motivo que Lacan escolheu uma e não outra, menciona Philippe Julien. A definição analítica da paternidade segundo Lacan, define o ser pai por uma única dimensão, não é possível definir o ser pai.

A paternidade supõe três abordagens complementares, três dimensões que se chamam simbólico, imaginário e real.

O simbólico é a sua característica no espaço das marcas representativas no psíquico como forma de significantes, a paternidade é um Nome – do – Pai que designa um lugar de autoridade e de castração... O pai não é aquele que se chama pai, mas aquele que pode ocupar um lugar que foi denominado.

Denominado por quem? Somente pela mãe, que transmite ao filho ou à filha o lugar de seu desejo enquanto mulher, lugar em posição terceira entre ela e o filho.⁷⁴

Philippe menciona que a criança poderá sair da angústia e respirar; ela não é o todo do desejo da mãe. Mas nasceu do seu desejo conjugal de mulher. Portanto, a criança não é nem tudo, nem nada, mas o efeito do desejo de uma mãe que primeiro era mulher e que ainda... e ainda... o é.⁷⁵

Lacan leu isso na resposta de Deus a Moisés: “Sou o que sou”, ou seja, não nomeio a mim mesmo, sou nomeado.⁷⁶ Assim, a mulher judia chamada Maria será mãe ao dar a Deus o lugar de pai de seu filho Jesus, menciona Philippe.⁷⁷

⁷³ Com santo Agostinho, primeiro, “aquele que é” é o Ente supremo, o Eterno imutável, que é a única causa dos entes, criados e, portanto, sempre cambiantes e submetidos ao temporal. São Tomás vai ainda mais longe nessa ontologia; o Ser, a essência de tudo o que existe depende dEle. Portanto, ele é causa de todo ente do universo: *Ensdiffusivum sui*, puro dom de ser a todo existente. Assim é a ontologia do amor na teologia eclesial. Por isso, Étienne Gilson que escreveu a história da teologia eclesial em seu famoso livro *O espírito da filosofia medieval*, diz: “Embora não haja metafísica no Êxodo, há uma metafísica do Êxodo e nós a vemos se constituírem bem cedo com os padres da Igreja”. PHILIPPE, 2010, p. 48.

⁷⁴ PHILIPPE. 2010. p.49.

⁷⁵ PHILIPPE. 2010. p.49.

⁷⁶ LACAN, Jacques, *O Seminário, livro 7: A Ética da Psicanálise*. Tradução de Antônio Quinet, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997, p. 213.

Ter um pai com uma imagem grande, forte e digna de ser admirada e amada, é o grande significado simbólico para a compreensão do vazio e o ato acolhedor do Pai imaginário. Freud em Totem e Tabu mostra através da mitologia, Urvater, o senhor do clã, dono de todas as mulheres e que proíbe aos filhos possuir suas mulheres.

Falar do pai implica levar em conta os três registros da estrutura: real, simbólico e imaginário. O pai simbólico corresponde ao Nome-do-Pai⁷⁸. Este, como significante, que representa o Outro sob a forma de Lei, tem como função barrar o gozo, unindo o desejo à lei. O Pai Imaginário é o pai idealizado: o pai impotente da histórica e o pai morto do obsessivo. “O pai, tal como Freud o introduziu na psicanálise através de Totem e Tabu, o pai da Horda Primitiva, esse ser terrível, tirano, que só visava seu próprio gozo e que poderíamos identificar com o pai real”. Ou seja, o pai da Horda, como Pai Real, é o “agente da castração”.⁷⁹

Segundo Philippe, a mitologia retratada por Freud é uma mitologia de filho, cujo ciúme se converterá em amor por essa imagem do pai e em aceitação de proibição do incesto.⁸⁰

Freud funda o supereu; interiorização da voz do pai privador, voz da consciência moral: “Você deve... você não deve...” E isso não tem fim: Sujeição, submissão, admiração.⁸¹

Philippe diz que, “não foi sem razão que Freud, antes de morrer, dedicou as últimas páginas de seu livro Moisés e o Monoteísmo à descrição do que ele chama o Grande Homem”.⁸²

⁷⁷ PHILIPPE. 2010. p. 50.

⁷⁸ Lacan mostrou que o Édipo* freudiano podia ser pensado como uma passagem da natureza para a cultura. Segundo essa perspectiva, o pai exerce uma função essencialmente simbólica: ele nomeia, dá seu nome, e, através desse ato, encarna a lei. Por conseguinte, se a sociedade humana, como sublinha Lacan, é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade. Lacan passou então a definir essa função como “função do pai”, depois, “função do pai simbólico” e, ainda mais tarde, “metáfora paterna”, o que o levou a interpretar o complexo de Édipo não mais em referência a um modelo de patriarcado* ou matriarcado, mas em função de um sistema de parentesco*.

⁷⁹ LACAN, 1997, p.118.

⁸⁰ PHILIPPE. 2010. p. 50.

⁸¹ PHILIPPE. 2010. p. 50.

⁸² FREUD, Sigmund. (1893-1895) Moisés e o Monoteísmo. Vol. XXIII, 1996.

A distinção entre o simbólico e o imaginário da paternidade corresponde em Lacan à distinção entre duas interpretações da denominação do Êxodo 3.14: "*èhyèh Asher èhyèh*".

A interpretação metafísica dos teólogos funda o Pai ideal, o Pai todo-poderoso e a ontologia divina segundo a afirmação: "Sou aquele que é".⁸³

Um pensamento pragmático imbuído de "certezas ou seguranças" para definir a direção, naturalmente necessário para a interpretação bíblica. Para Philippe, essa via encontra sua fronteira com o trágico da existência humana, no dia em que, no infortúnio, nasce a acusação dirigida ao Criador de nos ter feito tão frágeis, tão culpados, tão impotentes.

É quando a situação se inverte na história do filho ou da filha: "O infortúnio não é por culpa minha, é por culpa do pai: O impotente é ele; portanto, foi ele quem me decepcionou, traiu, desesperou." ⁸⁴

Freud relata uma experiência pessoal que seu pai contou a ele entre 10-12 anos sobre uma não reação de afronta. Ao término da história, Freud acrescenta "com resignação": "Ele confessa sua profunda decepção: Isso não pareceu heróico por parte do homem grande e forte que segurava pela minha mão." ⁸⁵

Philippe continua sua leitura dizendo que o Pai Simbólico e o Pai Imaginário só podem encontrar solução mediante uma terceira dimensão: o Pai Real.

De fato, por meio dele é possível fazer o luto do Pai Ideal. Supõe-se que este possa fundar a lei do serviço de bens: "bens físicos, psíquicos, sociais e religiosos".⁸⁶

É essa lei que o Pai Real relativiza transmitindo à geração seguinte uma lei do desejo. O pai no real é o homem que vem ocupar o lugar vazio, instaurado, designado e transmitido ao filho no simbólico pela mãe enquanto mulher desejante.⁸⁷

⁸³ PHILIPPE. 2010. p. 50.

⁸⁴ PHILIPPE. 2010. p. 51.

⁸⁵ FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos, Vol. IV 1996.

⁸⁶ PHILIPPE. 2010. p. 51.

⁸⁷ PHILIPPE. 2010. p. 52.

O pai é o homem que assume esse lugar na medida, em que está voltado para uma mulher, em geral a mãe da criança, mas nem sempre.

O pai no real é o homem que tem como desejo uma mulher; é em razão dessas conjugalidades que paulatinamente transmitirá para a geração seguinte uma dupla possibilidade: inicialmente, de fazer o luto de um Pai Ideal e, em seguida, a de ir abandonando gradualmente mãe e pai para poder, um dia, fazer aliança com um cônjuge proveniente de outra origem familiar.

A contribuição de Lacan foi mostrar a equivalência dessas três dimensões da paternidade; cada uma relativa às duas outras e nenhuma prevalece sobre a outras.

Lacan toma emprestado do discurso cristão, o lugar do Nome-do-Pai no simbólico, mas o que a psicanálise traz de novo nas palavras de Philippe é o real do pai, ou seja, o lugar do sexual na lei do desejo⁸⁸.

Isso será retomado na afirmação de Lacan de que o cristianismo é “um drama que encarna literalmente a morte solidária... do único mandamento que doravante é: Amarás o próximo como a ti mesmo... Com isso é que devemos seguir avançando”.

“E acrescentava: Os dois termos, a morte de Deus e o amor ao próximo, são historicamente solidários”.⁸⁹

⁸⁸ PHILIPPE. 2010. p. 53.

⁸⁹ LACAN, Jacques. O Seminário vol.VII, 1996, p. 236.

CAPÍTULO 2

A GRANDE DESCOBERTA DE FREUD

Freud busca a compreensão do que é um pai presente para além da genética; na verdade ele procura entender a função do pai como valor da transmissão simbólica para o psiquismo humano.

Lacan⁹⁰, em 1953, elabora o conceito de nome do pai ao comentar o caso do Homem dos Ratos. Neste contexto, mostra uma nova vertente, de o Édipo freudiano ser pensado como uma passagem da natureza para a cultura. Nesta perspectiva, o pai é essencialmente uma função instauradora da lei simbólica e essas interiorizações da lei possibilitam à criança constituir-se como Sujeito.

A função paterna configura-se como a instalação do significante fálico na constituição subjetiva do ser, uma vez que essa função não precisa necessariamente ser exercida por um pai, biológico ou adotivo, e nem mesmo por um homem, podendo ser exercida por outras instâncias e pela referência da mãe à lei, à castração como afirma Speller.⁹¹

A autora ainda destaca que a função paterna refere-se a uma metáfora. Seria um contrapeso capaz de inscrever a criança na ordem fálica, em virtude da mãe castrada e faltosa, com potência suficiente para liberar a criança da dualidade da célula narcísica imaginada com a mãe, estruturando no mundo simbólico, mundo da falta, espaço do desejo.

Grant⁹² define a função paterna como operadora da castração, em outras palavras, é a possibilidade que o sujeito pulsional inserido num contexto cultural tem de não se colocar maior que a Lei.

Neste sentido essa mesma autora afirma que a questão do pai deve ser entendida para além de uma configuração trans-biológica, sabendo-se que o pai,

⁹⁰ ROUDINESCO, 1998, p. 445.

⁹¹ SPELLER, Maria Augusta Rondas. 2005, p. 107.

⁹² GRANT (1999) Walkiria Helena. O declínio da função paterna na atualidade. In: Leandro de Lajonquière & Maria Cristina Kupfer (Orgs.). A psicanálise e os impasses da educação. Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI.1999.

nomeado, passa a ser o responsável pela inoculação do desejo no ser humano. A partir do momento em que o infans passa para a condição de sujeito falante, pai e mãe não são mais redutíveis à qualidade biológica de genitores, são determinados pelo lugar que ocupam em função do sistema simbólico que designa o princípio do pai.⁹³

Francischelli⁹⁴ discute a função paterna como sendo uma configuração psíquica singular resultante do primeiro significante que surge no campo do outro pelo processo de identificação, sendo que esse significante primeiro é o elemento que representa o Sujeito para outro significante.

É importante observar que do ponto de vista da Psicanálise, pensar a função paterna na educação e seus desdobramentos é invocar um acervo psíquico colocado por alguém, pois o seu declínio é algo que tatua no psíquico e fica para sempre, uma vez que esta função está inserida na origem da constituição do eu. Pensá-la no ato educativo, na cultura onde o ser humano está inserido, é pensar que o conhecimento que se transmite implica uma filiação, portanto, no reconhecimento do valor simbólico da diferença que marca o lugar de cada um na cadeia de transmissão, afirma Speller.⁹⁵

No inconsciente, tudo que encontramos são conteúdos formados de cargos investimentos que podem ser mais ou menos intensos. Tais energias utilizam-se do processo de deslocamento, uma idéia ou representação pode passar toda a soma de sua carga de investimento para outra idéia. Além disso, utilizando também de processo de condensação, a idéia ou representação pode apropriar-se da carga de investimento de várias outras idéias.⁹⁶

Freud⁹⁷ admite que exista uma sexualidade infantil, o que era absurdo, para sua época e mais ainda, muitos dos desejos sexuais foi reprimido na infância. Estes desejos são a dimensão inconsciente do nosso psiquismo.

⁹³ SPELLER, Maria Augusta Rondas. 2005, p. 103.

⁹⁴ FRANCISCHELLI, Leonardo Adalberto. De onde fala Lacan? In: Revista Ciência & Vida. Psique, edição especial, ano I nº 4. 2007.

⁹⁵ SPELLER, 2005, p. 105.

⁹⁶Do mesmo modo, essa dor não é nova, é de certa forma a repetição de uma dor antiga, original, que vivemos, mas cuja experiência esquecemos. Eis, portanto a hipótese: um fenômeno de retorno de uma memória da dor ou dores antigas. NASIO, 1999, p. 66-67.

⁹⁷ FREUD, vol. VII, 1996.

- Fase oral (do nascimento até cerca de dezoito meses):⁹⁸

É a primeira fase do desenvolvimento psicosssexual por relacionar-se com a satisfação da necessidade da pulsão básica do bebê, ou seja, a alimentação. Estende-se também à gratificação, uma vez que a criança associa prazer à redução da tensão da fome e da sede. A zona erógena preponderante dessa fase é a boca, proporcionando a satisfação relativa ao alimento e, sobretudo o prazer de sugar. O prazer oral consiste essencialmente no prazer obtido pela sucção sobre um objeto através da contração e do relaxamento da cavidade bucal.

- Fase anal (dos dezoito meses até cerca de 3 anos):⁹⁹

Esta é uma fase de interesse natural pela autodescoberta, na qual as crianças manifestam um grande interesse pelas fezes e pela defecação. A zona erógena dominante é o orifício anal e as fezes materializam o objeto real do prazer anal. O ritmo particular dos esfíncteres, de se controlar para reter e de se dilatar para evacuar, configura o prazer anal. Dessa forma, o controle fisiológico dos esfíncteres pela criança constitui-se como uma nova fonte de prazer. Essa área da vida humana é carregada de proibições e tabus e demarca diversas formas de comportamento futuro ao passo que este está intimamente ligado às experiências infantis sofridas durante esta época.

- Fase fálica (estende-se dos 3 aos 7 anos):¹⁰⁰

Esta fase precede o estado final do desenvolvimento sexual. É a fase em que as crianças tornam-se conscientes das diferenças sexuais, predominando-se um grande interesse pelas diferenças anatômicas entre meninos e meninas. A estimulação ritmada das zonas erógenas – pênis no menino e clitóris na menina – constitui o novo prazer sexual. Na fase fálica meninas e meninos só conhecem um único órgão genital, o órgão masculino. Ou seja, esta fase caracteriza-se pelo reconhecimento de se possuir o pênis ou de haver a falta de um, havendo uma

⁹⁸ZIMERMAN. 2004, p. 92.

⁹⁹ZIMERMAN. 2004, p. 93.

¹⁰⁰ZIMERMAN. 2004, p. 93-94.

atribuição inconsciente aos dois sexos de um só órgão, o órgão masculino. Isto significa que o pênis e o clitóris são representantes concretos e reais de um objeto imaginário chamado falo. O falo não tem existência enquanto objeto; ele é o símbolo do poder, pois a evolução sexual infantil e adulta ordena-se conforme esse pênis imaginário. De fato, nesta fase, não é o órgão genital masculino que prevalece, mas a representação psíquica construída com base nessa parte anatômica do corpo masculino, independente de sua presença física. Nesse estágio de desenvolvimento psicosssexual a excitação também está ligada à presença física próxima de seus pais, desejo aparente de amor e ódio. Freud denominou a situação em que as crianças reagem a seus pais como uma ameaça potencial à satisfação de suas necessidades de Complexo de Édipo. Esse complexo, juntamente com o complexo de castração - que significa falta, perda, calcada na ausência ou na possibilidade de perda do pênis, a partir da percepção da diferença anatômica - desempenha um fundamental papel na constituição do sujeito, pois através dele estruturamos nossa sexualidade.

- Fase genital:¹⁰¹

É a fase da organização genital definitiva. A criança passa do autoerotismo para as fantasias e desejos de prazeres sexuais compartilhados. Ocorre com o início da puberdade, momento em que a energia libidinal se direciona aos órgãos sexuais.

O inconsciente denomina não só idéias latentes em geral, mas, sobretudo aquelas com determinado caráter dinâmico, ou seja, aquelas que, apesar de sua intensidade e atividade, se mantêm distantes da consciência. (...) O inconsciente é uma fase inevitável que ocorre regularmente nos processos que constituem nossa atividade psíquica, e todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode assim permanecer, ou pode desenvolver-se em direção à consciência, dependendo de encontrar ou não resistência.¹⁰²

Na primeira tópica, Freud situa os três sistemas do aparelho psíquico: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

O sistema inconsciente explicado como uma região sem tempo e sem espaço é inacessível à consciência, compondo-se de uma pluralidade de

¹⁰¹ZIMERMAN. 2004,p. 94.

¹⁰²FREUD, Sigmund. vol. XII, 1996, p. 85-87.

representantes pulsionais, ou seja, representações inconscientes, que consistem em imagens acústicas, visuais ou táteis.

O sistema pré-consciente situa-se topograficamente entre o sistema inconsciente e o consciente. O seu conteúdo compõe-se de elementos que circulam do inconsciente para o consciente e vice-versa.

O consciente é um órgão sensorial que se situa no limite entre o interno e o externo, capaz de perceber os processos de uma ou de outra instância (procedência). Essa é a instância responsável por nossas ações voluntárias e conscientes.

Na segunda tópica, Freud situa o funcionamento psíquico como um processo mais complexo, formulando um novo esquema do aparelho psíquico, articulado com o anterior e preconizando as noções de Id, Ego e Superego, como três instâncias diferenciadas da mente.

É imperativo pontuar que o inconsciente não é um lugar ou uma coisa. Dizer que uma representação psíquica é inconsciente, é admitir que estivesse regida por leis distintas das representações inconscientes.

O termo pulsão – *Trieb* - do alemão remete à idéia de um impulso. Segundo Roudinesco é empregado por Freud na época pré – psicanalítica nos anos de 1890/98, a partir de carta endereçada a *Fliess*. Apresentou um projeto para uma psicologia científica, estudos sobre a histeria até a sexualidade na etiologia das neuroses, embora, empregando de forma vaga, ainda não situando a pulsão no âmbito conceitual.¹⁰³

Posteriormente, o termo pulsão surge na literatura psicanalítica na condição de conceito, forjado por Freud, a partir de 1905, no texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, essencialmente designando pulsão sexual, subscrevendo um impulso do qual a libido constitui a energia, por outro lado diferenciando-a radicalmente do instinto sexual – *Instinkt* – que designa os comportamentos observados genericamente no reino animal. Desse modo, Freud recusa a dimensão instintual concebida com metas e objetivos específicos, aborda o processo de transmutação que converte a expressão *Trieb* (pulsão) num conceito essencialmente

¹⁰³ ROUDINESCO. 1998, p.628.

psicanalítico e este passa a instituir uma conotação específica ao refletir uma força elementar do psiquismo. Assim, a pulsão cuja natureza é obscura e indeterminada, é apreendida como um dos conceitos fundamentais da psicanálise.¹⁰⁴

Somente se conhece a pulsão pelo psíquico, ela não se inscreve na ordem da significação, da simbolização, é um conceito, um suposto que quer circunscrever a exigência psíquica provinda do corpo, que procura sempre uma satisfação. Ela se inscreve na ordem do orgânico, psíquico e cultural.

Conforme aponta Bloch¹⁰⁵, as pulsões no curso da sua história, devido ao seu aspecto cambiante, não permanecem da mesma forma nem tão pouco apresenta como acabadas, depende da cultura na qual o sujeito possa estar inserido. Assim por dizer, o corpo age nas pulsões. O ser humano traz consigo várias pulsões, ora uma aparece com mais força, ora outra, agem simultaneamente, pois ele não só preserva a maior parte das pulsões animais como gera outras. Assim, não só o seu corpo, mas o seu eu é igualmente afetivo. Nas palavras deste autor, a pulsão necessita de alguém por trás dela, porque nem tudo gira em torno do eu, a pulsão sobrevém o sujeito, por isso, existe continuamente um corpo vivo que quer se manter, em primeiro lugar, o corpo vivo individual: sendo movido por estímulos e transbordando deles, possui os impulsos, que não pairam de modo genérico.¹⁰⁶

Portanto, a pulsão é possível de ser concebida como um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico, compreendendo esse corpo enquanto parte de uma experiência psíquica. Não é o corpo fisiológico, mas o corpo erógeno, sensível de prazer, um corpo voltado ao prazer e ao desprazer, onde estão as raízes da constituição psíquica, diferentemente do corpo biológico.¹⁰⁷

¹⁰⁴ ROUDINESCO. 1998, p.628.

¹⁰⁵ BLOCH, Ernst. Vol. I, 2005, p. 53.

¹⁰⁶ BLOCH, 2005, p.. 52.

¹⁰⁷ Tal foi o propósito dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicados em 1905. Foi na versão inicial desse livro que Freud recorreu pela primeira vez à palavra pulsão. Num trecho acrescentado em 1910, ele forneceu uma definição geral que, em sua essência, não sofreria nenhuma modificação: "Por *pulsão*, antes de mais nada, não podemos designar outra coisa senão a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático." ROUDINESCO. 1998, p.629.

Freud¹⁰⁸, ainda num primeiro ensaio, descreve sobre As Aberrações Sexuais, abordando os diferentes aspectos dos desvios sexuais. Neste texto, introduz o termo "objeto sexual" e "alvo sexual", como sendo o primeiro, a pessoa de quem provém a atração sexual e o último designando a ação para qual a pulsão arremessa. No tocante ao objeto, Freud contraria a suposição da existência de um objeto adequado à satisfação sexual, afirmando que há homens cujo objeto sexual é outro homem, bem como há mulheres cujo desejo sexual reside em outra mulher. Assim, "diz-se dessas pessoas que 'são de sexo contrário', ou melhor, 'invertidas', e chama-se o fato de Inversão." (p.129). Ainda neste texto esclarece: "os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que proporcionam sensações ligadas ao prazer sexual", elucidando também que na primeira infância, uma quantidade de prazer sexual é produzida pela excitação de diferentes partes da pele, nomeadas zonas erógenas - pelas fontes orgânicas e excitação dos estados afetivos. A excitação a partir dessas zonas periféricas, quer dizer, de outras formas de obtenção de prazer não vinculadas aos genitais, caracteriza-se como fator fundamental para a compreensão da sexualidade infantil. Freud apreende uma concepção evolutiva da sexualidade humana, na qual a genitalidade não aparece estritamente vinculada à reprodução.

Deste modo, Freud retira a sexualidade humana da concepção biológica do instinto sexual, em que esta se confunde com uma força vital, só podendo ser despertada na puberdade, em razão da maturação dos órgãos genitais e do fim específico da reprodução da espécie. Ressalta que o aspecto da sexualidade inscreve-se para além da pura atividade de junção dos órgãos genitais com fins procriativos, considera a genitalidade não mais vinculada estritamente à reprodução. Assim distingue as pulsões sexuais, cuja energia é de ordem libidinal, das outras pulsões que se caracterizam pela inclinação à satisfação das necessidades primárias e têm por objetivo a conservação da espécie.¹⁰⁹

Segundo Hans¹¹⁰, as pulsões sexuais são numerosas, provêm de múltiplas fontes orgânicas, substitui-se de forma vicariante uma pelas outras e trocam seus objetos com facilidade. Compreende-se que devido estas suas características

¹⁰⁸ FREUD, Vol. VII, 1996.

¹⁰⁹ FREUD, Sigmund. Vol. VII, 1996, p.196.

¹¹⁰ HANNS, Luiz Alberto. 1.999, p. 151.

mutáveis, elas são capazes de realizar ações diferentes da meta inicial, isto quer dizer que a pulsão pode desviar em relação ao seu fim.

Freud¹¹¹ considerou os aspectos perversos (pulsão oral - prazer de sucção, pulsão anal - referente à defecação, pulsão escópica no caso do olhar) como sendo pulsões parciais, seguindo a premissa de que essas pulsões compõem a sexualidade e produzem prazer e angústia. O autor admite a concepção evolutiva da sexualidade humana reconhecendo no adulto um funcionamento sexual “corpóreo” caracterizado por formas orais e anais de satisfação, assemelhando-se assim, a sexualidade infantil à sexualidade perversa.

Santiago¹¹² aponta que Freud ao descrever sobre as aberrações sexuais, integrando-as à sexualidade normal, subverte a corrente evolutivo-naturalista da sexualidade, na qual estabelece equivalência entre o fator sexual e o instinto, admitindo que a conduta sexual do sujeito, encontra-se determinada pelo instinto sexual, quer dizer, uma conduta que consiste na realização da cópula em si, buscando um parceiro do sexo oposto para procriação da espécie. Segundo a autora, Freud num segundo ensaio discute a gênese da sexualidade, considera as perversões como sendo inclinações presentes na constituição humana, dessa forma, situa a sexualidade na condição de aberrante, dispersa, polimorfa, ou seja, que se manifesta de várias formas e mantém vivas todas as fantasias presentes na infância, portanto, escapa ao disciplinamento do corpo. As formas de obtenção de prazer são diversas e a essa maneira perversa polimorfa que as fantasias mostram, Freud conceituou de sexualidade infantil.

Todas as pulsões parciais são passíveis de recalçamento, porém, dependendo da maneira como estas pulsões seguem seu percurso, configuram-se diferentes modalidades sintomáticas, visto que podem se desenvolver de forma exagerada, dificultando o recalque, e por outro lado podendo ser desviadas para outros alvos.¹¹³

¹¹¹ FREUD, Sigmund. Vol. VII, 1996, p. 169.

¹¹² SANTIAGO, Ana Lydia. A Inibição intelectual na psicanálise. 2005.

¹¹³ SANTIAGO, 2005. p. 35.

Num terceiro ensaio, Freud¹¹⁴ esclarece que a pulsão sexual com a chegada da puberdade dirige-se a um objeto sexual, ficando assim as zonas erógenas subordinadas ao primado da zona genital. Ressaltou: “devemos admitir que também a vida sexual infantil, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objetos sexuais”. Deste modo, pode-se ler em seus escritos que a pulsão sexual da infância à puberdade se compõe sob a forma de um conjunto de pulsões parciais que se definem por suas fontes e seus alvos. Para ele, estas pulsões são experimentadas pelas crianças, em uma ocasião anterior de se vivenciar o interesse pela questão sexual.

Isto quer dizer que a sexualidade é por excelência infantil, portanto, não se origina na puberdade com o desenvolvimento maturacional do aparelho genital, Santiago¹¹⁵. E, por ainda não possuírem um objeto definido, a pulsão sexual se dirige ao próprio corpo e desse modo, o caráter sexual dessas pulsões consolida a base da sexualidade infantil, na qual a criança formaliza diferentes investigações intelectuais sobre a vida sexual.

O que aprendemos nos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade é como o infans se transforma, de um simples ser vivo, em um ser falante, em sujeito de desejo, enveredando por um complexo processo de constituição do corpo pulsional, fundamentalmente diferenciado do corpo biológico. Um corpo erógeno, atravessado pela sexualidade que demarca a singularidade do sujeito e determina as suas estruturas subjetivas, afirma Santiago.

Freud¹¹⁶ salienta que, entre os três e cinco anos de idade, a vida sexual das crianças aflora e junto a ela manifesta-se a pulsão de saber (*Wissentrieb*), também denominada pulsão de investigar (*Forschertriebes*) traduzida do alemão como pulsão epistemofílica. Para Freud, essa pulsão não pode ser classificada dentre os componentes pulsionais elementares, bem como, não se deve limitá-la à sexualidade. De maneira ambígua, a atividade dessa pulsão implica a dominação, e por outro lado possui uma energia escopofílica relacionada às pesquisas sexuais infantis.

¹¹⁴FREUD, Sigmund. Vol. VII, 1996, p. 180.

¹¹⁵SANTIAGO. 2005, p. 122.

¹¹⁶FREUD, Sigmund. Vol. VII, 1996, p. 180.

Segundo Santiago¹¹⁷ é possível considerar que a ação da pulsão do saber é estimulada pela sublimação e induzida pela pulsão do olhar. De outro modo, Rocha¹¹⁸ refere-se ao domínio:

Um controle que é aquele que a criança exerce ao mesmo tempo sobre seu próprio corpo e sobre o mundo exterior, se duplica de uma satisfação no plano da sexualidade infantil. Nesse período, a relação da criança com o objeto é constituída em termos da posse: todo objeto de seu desejo é alguma coisa em relação ao qual ela exerce direitos e todo objeto é assimilável à posse, a mais primitiva: suas matérias fecais (p.29).

A respeito da pulsão escópica, Santiago¹¹⁹ assinala que se trata de uma modalidade de força pulsional que, trabalhando a serviço dos interesses sexuais, aciona a atividade intelectual, por despertar no sujeito uma ânsia de saber (*Wissbegierde*). Vale ressaltar que, o escopismo se presentifica de maneira espontânea durante as pesquisas infantis no período que as crianças tentam decifrar o enigma da sexualidade "De onde vim? Quem sou? Para onde vou?", podendo estender-se para a vida adulta, visto que ele é um aspecto atemporal constituído pela demanda da pulsão sexual e faz parte da função constituinte da sexualidade.

Como diz Voltolini¹²⁰ lendo Freud, o cérebro não é o único órgão responsável pelo pensamento, o corpo como um todo participa dessa atividade intelectual de pensar. O autor sugere que a gênese do pensamento está no processo de testar fantasias, a criança aborda a realidade sustentada pelas suas fantasias inconscientes, possivelmente oriundas das suas teorizações.

Podemos supor que ambas as partes do corpo têm grande importância psíquica, a saber, ocupa um lugar de essencial importância no eu do sujeito. Isso significa dizer que esse corpo investido de forças pulsionais se relaciona intimamente com a experiência de prazer produzida por ele desde os primeiros dias de vida do bebê, como, apontado por Freud¹²¹ no desenvolvimento psíquico do sujeito adulto.

¹¹⁷SANTIAGO, 2.005, p. 122.

¹¹⁸ROCHA, Fernando. Afinal, existe uma sexualidade infantil? 2006.

¹¹⁹SANTIAGO, 2005, p.65.

¹²⁰VOLTOLINI, Rinaldo. Pensar é desejar: o conhecimento serve para adaptar uma realidade ao que se quer fazer dela. In: Revista Educação: Freud Pensa a Educação, nº 1, 2006.

¹²¹FREUD, Vol. VII. 1996, P. 180.

Assim, Rocha¹²² confirma que são as dificuldades ocorridas na infância que irão provocar impedimentos, inibições e sintomas diversos na vida adulta.

Retomando o texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, já mencionado, este pode elucidar os momentos efetivos da constituição pulsional do conhecer e das vicissitudes por que passa o impulso de saber, ou seja, a relação entre a pulsão e a atividade do pensamento. A esse impulso, manifesto por uma energia pulsional, nomeou-se de Curiosidade¹²³.

Assim, admite-se que as relações da pulsão do saber com a vida sexual possuem valor extremamente significativo. A partir da descoberta da psicanálise por Freud, a pulsão de saber na criança passa a ser experimentada precocemente de forma íntima, através das suas pesquisas sexuais, ou em outras palavras, fica explícito que a pulsão do saber é instigada através da curiosidade acerca da sexualidade infantil vivenciada pela criança desde a mais tenra infância:

O que caracteriza a relação do sujeito com qualquer forma de conhecimento ou saber intelectual parece definir-se na investigação sexual efetuada na infância e no resultado que se chega sobre o saber que estrutura o inconsciente.¹²⁴

Neste sentido, para Filloux¹²⁵ o que nomeamos desejo de saber está fulcrado na curiosidade sexual, que na verdade, trata-se de um desejo acerca da sexualidade, dependendo como as instituições escola, Igreja e família lidam com esse fato, o desejo de saber pode ser inibido por completo.

A respeito da curiosidade sexual, Quinet¹²⁶ lembra que a curiosidade, advinda do impulso de saber em primeiro momento concentra-se nas genitálias, depois no corpo como um todo e, finalmente de maneira mais expressiva se direciona ao mundo.

¹²²ROCHA, Fernando. Afinal, existe uma sexualidade infantil? In: Revista Ciência e Vida, PSIQUE. 2006, p. 29.

¹²³ Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopifílica. Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles. FREUD, Vol. VII. 1996, p. 183.

¹²⁴SANTIAGO, 2005, p. 125.

¹²⁵FILLOUX, Jean Claude. 2002.

¹²⁶QUINET, Antônio. 2004.

Sendo assim, percebemos que a curiosidade intelectual possui uma estreita relação com o período de investigação sexual infantil, no qual predomina um desejo de conhecer e saber sobre algo. Seria um desejo de conhecer um desejo do Outro?

Filloux¹²⁷ afirma que, numa perspectiva psicanalítica, a ciência, bem como o conhecimento humano são produtos da busca incansável do homem em saber sobre sua origem e para Quinet¹²⁸ o desejo, sempre inextinguível, não está dissociado da busca do saber. (...) O desejo de saber é desejo de conhecer a causa. Poderia se entender “a causa” como o desejo originário de saber de onde viemos? Vale ressaltar, que para esse autor a libido está presente no ato de conhecimento, é a força motriz que impulsiona o sujeito à busca do saber – e o desejo de saber está imbricado no olhar, pois é a pulsão de ver que impulsiona o sujeito em buscar a sua verdade, a qual só pode ser meio dita, na perspectiva de encontrar palavras que possam mensurar sentimentos, inscrevendo o não saber como parte do saber.

Também para Voltolini¹²⁹, é possível pensar que para além da capacidade de reflexão que demarca a natureza humana, existe um componente distintivo do humano que é a habilidade para interrogar, de elaborar suas hipóteses e criar seus próprios problemas. Seus escritos trazem elucidações importantes e pertinentes sobre o que demarca a diferenciação entre o homem e os outros animais. Dotado desta habilidade, o ser humano encarrega-se em questionar a sua própria existência, movendo-se a partir da investigação dos seus problemas concretos, perpassando pela sua historicidade no que tange ao tempo decorrente do passado ao futuro.

Possivelmente, essas interrogações são suscitadas na primeira infância, e que, segundo o autor, trata-se de investigações antecipadas, um vir a ser, circunscrevendo a dimensão da dúvida e da angústia. Na busca de superar a dúvida, surgem novas respostas das quais se criam novos enigmas, indagações essas que procedem da infância de maneira autônoma, às vezes, tornando-as públicas ou não, construindo-se assim respostas para suas próprias perguntas sob a forma de uma teoria sexual infantil. Voltolini lê em Freud que a força propulsora

¹²⁷FILLOUX, Jean Claude. 2002.

¹²⁸QUINET, 2004, p. 253.

¹²⁹VOLTOLINI, Rinaldo. Pensar é desejar: o conhecimento serve para adaptar uma realidade ao que se quer fazer dela. In: Revista Educação: Freud Pensa a Educação, nº 1, São Paulo: Ed. Segmento, 2006.

dessa interrogação persiste como um enigma constante que não cessa de se inscrever.

A partir de todas essas vertentes é possível considerar que as indagações infantis são elaboradas e empregadas em substituição às questões referentes à sexualidade.

Porém, Quinet¹³⁰ menciona que: “não se trata de um enigma relativo à diferença anatômica dos sexos, mas um enigma sobre a origem sexual de cada um”, ou seja, um enigma sobre o desejo do Outro – significante simbólico – que o gerou. Alerta que é possível que a criança ao decifrar o enigma, ele se inscreva novamente, visto que a verdade é um saber latente. O que impulsiona a criança a querer decifrar a verdade é a força pulsional da pulsão de ver, nesse entendimento, configura-se o desejo de saber correlacionado ao olhar.

Seguindo esse pensamento, a contribuição de Voltolini é no sentido de que a criança constrói as suas teorias com o objetivo de esclarecer-se sobre a realidade, sobretudo, ela tenta dominar a realidade por meio do instrumento de sua teorização. Portanto, pode-se dizer que o conhecimento é fruto fundamentalmente do impulso dominador, presente na criança desde a primeira infância, ou seja, é a atividade da pulsão de saber sendo sublimada para obter domínio.

Nessa mesma perspectiva também Kupfer¹³¹ ressalta que o desejo de saber associa-se com o dominar, o ver e o sublimar, o que indica a importância do educador (pais, professores, pastores e etc.), perceber as vicissitudes por que passa o ato de conhecer no processo educativo: primeiro a criança passa pela pulsão escópica ligada ao olhar, depois transforma essa pulsão em curiosidade intelectual relacionada ao modo de indagar, relacionar-se com o mundo, em seqüência instaura-se o desejo de saber.

Tudo isso nos remete ao questionamento sobre como a sexualidade é entendida e apropriada pelo pastor conselheiro, pela família, pelos professores e a sociedade, visto que esses possuem uma íntima relação com a função de despertar e instigar na criança também a pulsão do saber.

¹³⁰QUINET, 2004, p. 255.

¹³¹KUPFER, Maria Cristina. 2001, p. 81.

Portanto, reafirma a necessidade de um verdadeiro esclarecimento da criança acerca de suas investigações sexuais por parte dos adultos, conforme forem surgindo estas indagações. Assim, todo o assunto que se referir à sexualidade deve ser tratado com o mesmo rigor como os demais fatos dignos de conhecimento. Muitas vezes, não atribuindo tamanha importância ao fato, o adulto, investido de suas concepções preconcebidas e dogmatizadas acaba omitindo, ou mesmo dizendo inverdades para a criança subjugando-as na sua capacidade intelectual de assimilar e/ou produzir qualquer tipo de conhecimento.

Freud¹³² esclarece:

Com exceção do seu poder de reprodução, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar; e pode-se afirmar que o clima de mistério apenas a impede de aprender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta.

Por isso adverte que as dúvidas das crianças dirigidas aos mais velhos devem ser dirimidas, pois caso não sejam, elas se inscrevem novamente, atormentando-as em segredo. Isso as possibilita procurar outras soluções pelas quais o esclarecimento pode vir: a via da verdade, ou ainda, as próprias crianças que através de suas teorizações trocam informações de forma distorcida, concebendo o sexo como uma coisa horrível e nauseante, em consequência do sentimento de culpa da curiosidade infantil.

É imperativo pensarmos se caso o esclarecimento sobre o conhecimento sexual não sendo admitido pela família, feito no ambiente escolar ou religioso pelos responsáveis de tais ambientes, não reforçariam essa abjuração?

Assim torna-se necessário pensar as inibições intelectuais por outra dimensão que não seja puramente pela lógica visual do não aprender. Devemos admitir que existam questões ligadas à sexualidade que podem estar interferindo na construção intelectual destas crianças.

Em Freud (1907) lê-se que a educação básica revela uma predisposição a deficiências acerca da sexualidade. Entende-se que essa falha possui raízes arcaicas. Na cultura ocidental a educação primária é oriunda do clero, os ensinamentos de cunho religioso em geral determinam que as questões sexuais

¹³² FREUD, Sigmund. Vol. X, 1996, p. 125.

fique condicionadas ao direcionamento dos preceitos morais da família, dos docentes e da religião.

Como insiste Freud¹³³ (1907)

Acima de tudo, é dever das escolas não evitar a menção dos assuntos sexuais. Os fatos básicos da reprodução e sua significação deveriam ser incluídos nas lições sobre o reino animal, e ao mesmo tempo deveria ser enfatizado que o homem compartilha o essencial de sua organização com os animais superiores. (...) em torno dos dez anos de idade, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da sexualidade humana e sobre a significação social desta.

É plausível, não obstante, compreendermos que em sociedade, alguns impasses surgidos, os quais nomeiam problemas de aprendizagem, em razão de uma lógica estabelecida de ter respostas prontas e de atribuir de forma direta à falta de inteligência, inadequação do método ou de maneira determinante como ausência de prontidão cognitiva, há de se considerar que existem determinações inconscientes expressando-se com características diversas e singulares, e que, possivelmente são oriundas de uma inibição sexual infantil e fazem parte do drama particular do sujeito. Voltolini¹³⁴ reafirma que essas determinações estão articuladas efetivamente com o percurso das primeiras experiências sexuais infantis.

Freud¹³⁵, ao analisar a fobia do Pequeno Hans, percebe que o menino se interessava expressivamente pelo seu órgão genital. Para o autor, o interesse por este órgão não se restringia à satisfação erótica, a saber, o fato demarcava o direcionamento dessa circunstância para a ordem do registro da atividade intelectual, levando-o a formular diferentes teorias explicativas, inicialmente atribuindo a presença do pênis a todos os seres, em seqüência classifica-os em animados ou inanimados, conforme presença ou ausência do pênis. Posteriormente, direciona sua investigação para a diferença anatômica entre os sexos, buscando sempre compreender o enigma da reprodução. Percebe-se de que maneira a curiosidade veicula o desenvolvimento cognitivo e a atividade intelectual da criança.¹³⁶

¹³³ FREUD, Sigmund. Vol. X, 1996, p. 128-129.

¹³⁴ VOLTOLINI, Rinaldo. Pensar é desejar: o conhecimento serve para adaptar uma realidade ao que se quer fazer dela. In: Revista Educação: Freud Pensa a Educação, nº 1, São Paulo: Ed. Segmento, 2006.

¹³⁵ FREUD, Sigmund. Vol. X, 1996.

¹³⁶ SANTIAGO, 2005, p.127.

Assim, a partir desse interesse teórico pelo órgão sexual, esse cogitar suscitado intelectualmente pelas sensações provenientes de eventuais manipulações do genital, Hans, situa esse elemento como o seu referencial para investigar o mundo. Evidencia-se assim como podemos compreender as estreitas relações entre a curiosidade sexual e o conhecimento intelectual.

Ao elaborar o texto *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância*,¹³⁷ Freud retoma a questão da curiosidade infantil, elucidando o prazer que as crianças demonstram em fazer perguntas, indicando que as cogitações infantis são da ordem de questões referentes à sexualidade.

Neste texto Freud aponta os dois caminhos por onde passa a investigação sexual infantil ao sofrer repressão: a pesquisa que pode enveredar pelo mesmo caminho da sexualidade, provocando inibição da curiosidade e comprometimento na liberdade de pensar, ou ainda, por outro lado, preocupações pesquisadoras excessivas, direcionando o prazer e a angústia presentes no ato sexual para a atividade sexual. Dependendo de como essa investigação sexual infantil é direcionada nos seus primórdios, será a investigação do mundo pela criança numa relação de prazer ou ansiedade. Neste texto Freud demonstra como a pulsão sexual pode ser sublimada, pode investir a energia de caráter originalmente sexual para outros fins sociais. Nesse curso, o sexual e o intelectual se sobrepõem, de forma que a ação do recalque retira o conteúdo sexual, deixando acesso livre para o intelectual.

No processo de sublimação, o recalçamento sexual intervém, sem reenviar o desejo ao inconsciente.¹³⁸

Assim pensando, compreendemos que a curiosidade infantil nasce das teorias sexuais infantis e perpassam pelo caminho da exploração do mundo de forma global. Possivelmente, as crianças que apresentam dificuldade de aprender sofram de uma falta de liberdade de pensar, oriunda do desprazer obtido na curiosidade infantil.¹³⁹

¹³⁷ FREUD, Sigmund. Vol. XI, 1996.

¹³⁸ SANTIAGO, 2005, p.129.

¹³⁹ SILVA, Maria Cecília P. da. *A paixão de formar: da psicanálise à educação*. 1994.

Neste sentido, estamos sublinhando um saber existencial, de caráter singular e intransmissível, um saber que não se sabe, mas que, fundamentalmente será o dispositivo para a elaboração de teorias, pesquisas e de outros conhecimentos no processo de constituição de todo ser humano.

Monteiro¹⁴⁰ ressalta:

Os inconscientes se interpõem na relação do sujeito com o conhecimento, redimensionando as noções de verdade e certeza; o inconsciente emerge no ato da transmissão, opondo as noções de saber e de conhecimento, à medida em que, implicado no desejo de 'um a um', traduz-se pelo fenômeno da transferência.

Continua a autora: “segundo a teoria psicanalítica, o processo de transmissão de conhecimentos, não ocorre isolada ao saber, algo singular, tampouco não existe transmissão pensada alheia à transferência e, nessa perspectiva, a idéia de ensino sem efeitos (universitário ou não) não se sustenta”¹⁴¹. Sublinha que no ato educativo o que se transmite o que comparece é o estilo, ou seja, a forma singular do professor se revela enquanto dom, como doação de si ao outro. O professor coloca no real da transmissão, algo de si mesmo numa construção social.

Ou seja, aquele que educa e tem na sociedade o papel da representação no ensino deixa uma marca ou dom no simbólico e imaginário da criança, promovendo efeitos que podem despertá-lo ou continuar reféns de uma ignorância posta sobre eles.

Para demonstrar tal impossibilidade do sujeito em expressar todo o seu saber, Azevedo¹⁴², relata que haverá sempre algo que não poderá ser dito, trata-se de um velar e desvelar ao mesmo tempo, ou seja, uma (re)velação. Será, portanto, a verdade deste sujeito que não sabe que sabe vai se dizer, ou melhor, semi-dizer, dentro e a despeito dos muros de silêncio erguido pela própria linguagem. Enfim, transferência e pulsão de saber se inscrevem no continuum do cenário da sociedade e do sujeito.

¹⁴⁰MONTEIRO, Elisabeth Aparecida. Sobre uma especificidade do ensino da psicanálise na universidade: a formação de educadores. (Tese de Doutorado), 2005, p.89.

¹⁴¹ MONTEIRO, (Tese de Doutorado), 2005, p.16.

¹⁴²AZEVEDO, Ana Vicentini de. Mito e psicanálise. 2004, p. 44.

CAPÍTULO 3.

OS CONFLITOS E ENCONTROS POSSÍVEIS DO ACONSELHAMENTO E DA TRANSFERÊNCIA

3.1. ACONSELHAMENTO E TRANSFERÊNCIA NA MODERNIDADE

Aquele que, como eu, desperta os piores demônios incompletamente domados no fundo da alma, deve estar pronto a não ser poupado da luta.¹⁴³

A partir desse ponto, atentando para as origens da psicanálise, onde se percebe a concepção do aparelho psíquico fundado em sólido alicerce, seus estudos psicopatológicos e sua técnica de intervenção psicoterapêutica, o olhar fixa-se em Freud, seu fundador, ao mesmo tempo em que as colaborações de outros autores focam e problematizam a formulação da técnica psicanalítica e a concepção de contratransferência.

A autora Roseli M. Kühnrich de Oliveira em seu livro¹⁴⁴ faz menção aos cuidados que o sujeito necessita. Em suas palavras o cuidado sempre esteve como forma presente em nossa cultura. É a partir dos cuidados com o recém-nascido que a estrutura psíquica vai se moldando.

É através dos primeiros contatos maternos que o risco de desintegração da personalidade é afastado pelo amamentar, pela carícia, o afago, no toque e na identificação do olhar fixo de um para o outro.

A autora traz em sua fala, a percepção do cuidado em várias formas, dentre elas, o cuidado com do recém-nascido, sua identidade sendo formada a partir do cuidado e o contato com os outros (mãe, pai, tios, primos e etc.), assim a autora remonta sua fala em relação ao cuidado com cuidadores. Pretende deixar clara a necessidade do sujeito em relação ao cuidado ao longo de sua vida, mesmo depois

¹⁴³ FREUD. Sigmund. Vol. VII, 1996.

¹⁴⁴ Entre os seres humanos, o cuidado é vital, pois sem cuidados não há chance de vida. Os cuidados paternos e maternos estão presentes em todas as culturas, em todos os tempos e desde sempre. Ao ser comparado a outras espécies animais, o bebê humano mostra-se carente de cuidados específicos, que se prolongam em seu desenvolvimento até atingir um nível de independência que lhe possibilite sobreviver. Os cuidados ao recém-nascido proporcionam, de forma concreta, a possibilidade de viver. Do ponto de vista psicológico, o risco da desintegração da personalidade é afastado pelo amamentar, pelo tocar, pelo abrigar, quer dizer, pela carícia e pelo afago de quem cuida. No nascimento de um bebê já está implícita uma comunidade que dará ou não um lugar. OLIVEIRA, ROSELI M. Kühnrich de. 2012, p. 21.

de se tornar independente o sujeito demonstra sua necessidade psíquica de amparo e cuidados em meio a sociedade.

Já Marie Balmary diz¹⁴⁵ que através da psicanálise e da leitura bíblica, as palavras podem chegar a lugares onde a reflexão solitária não saberia alcançar. “É com o outro que transportaremos a porta que um dos dois abre sem ver”.

Ao longo dos séculos e até mesmo hoje em dia, a Igreja se opôs a essa liberdade de pensar, de falar, de desejar, que pode ser acessada por meio da psicanálise. Ela tinha escutado muitos pacientes que, devido a uma identificação com o Cristo, tinham sido pregados a uma cruz imaginária onde eles sofriam sem morrer.¹⁴⁶

A Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁴⁷ considera a felicidade sexual como um dos requisitos para uma pessoa sadia. Felicidade sexual entendida para a OMS como o conhecimento a aceitação, a opção e a realização satisfatória da sexualidade.

Apesar da importância dessa dimensão do ser humano, costumes, preceitos e instituições jogam/lançam um imenso papel em sua negação ou minimização, tanto ao nível teórico como na prática cotidiana.

Como construir pessoas sem a liberdade e o seu preço? Como ser igreja sem o medo da liberdade? Como ser sadio sem integrar a sexualidade? Cristo salva e o Espírito santifica? Sim. A Igreja deve ensinar todo o conselho de Deus? Sim. A Igreja deve padronizar, detalhar e uniformizar a vida dos cristãos? Não. Deus nos fez para a felicidade ou para a infelicidade? A Igreja apoia a busca da felicidade ou concorre para a infelicidade?¹⁴⁸

¹⁴⁵ BALMARY, Marie. O Monge e a Psicanalista. 2007, p.11 -12.

¹⁴⁶BALMARY. 2007; p. 21.

¹⁴⁷ Disponível em: http://each.uspnet.usp.br/edicoes-each/qualidade_vida.pdf acesso em 15/08/2015.

¹⁴⁸ Creemos que há uma relação entre excesso de autoerotismo, problema de relacionamento, solidão e ociosidade. Defendemos na medida do possível uma “terapia ocupacional”, com o trabalho, estudo, lazer, esportes, etc. Ou seja, sublimação mais do que repressão. A masturbação não encontra condenação formal nas Escrituras e é algo biologicamente inevitável na evolução sexual das pessoas normais. A espiritualização pelo “esfriamento sexual” dos santificados corre o risco de acarretar problemas posteriores. Concordamos com a recomendação do teólogo inglês Leslie D. Weatherhead, para quem não se deve encetar uma “batalha” de autodisciplina, vinculada ao excesso de sentimento de culpa. O cristão deve pensar na Graça de Deus, pensar em suas vitórias morais em todas as áreas da existência, e descansar, entregando todo o seu ser, nas mãos do Senhor. CAVALCANTI, Robinson. Libertação e sexualidade. 1990, pp. 38-40.

Não há compromisso com o Evangelho sem compromisso com a sanidade. Só o “adversário” se alegra com a insanidade. Não há sanidade excluindo-se a sexualidade.

Os cristãos poderão construir comunidades terapêuticas, comunidades de amor, comunidades da construção do ser, de aceitação, apoio e promoção, enquanto a Palavra e o Espírito fazem a sua obra? Comunidades centradas n’Aquele que chama a si todos os cansados e oprimidos para encontrar descanso¹⁴⁹, pois seu jugo é suave e seu fardo é leve?¹⁵⁰

Os valores que se têm nos dias atuais em relação ao espaço comunitário da fé convidam a pensar o novo. Ainda torna-se intrínseca a necessidade de centrar o saber na imagem de uma única forma de liderança, seja ela no sujeito ou instituição. De qualquer forma, as duas irão sacrificar algo naquele que buscam acolher.

Os cristãos estão prontos para reconhecer que depois da salvação, como defende um psicanalista, “o cerne da felicidade da vida é a felicidade sexual”?

Refletir a sexualidade como forma de “felicidade”, ainda é algo que provoca no sujeito cristão e nas diversas linhas teológicas o desafio cultural e o sentido interpretativo da teologia que liga o pecado e o inferno¹⁵¹.

O distanciamento torna impossível a compreensão da liberdade sexual como algo que faz parte do sujeito. Até mesmo no seu imaginário, ao ser perguntado sobre como seria o céu e o inferno, torna-se comum à vinculação do prazer descrito

¹⁴⁹Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, Mt. 11.28.

¹⁵⁰Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, Mt. 11.30.

¹⁵¹ A sexualidade é uma esfera da vida humana que em grande parte caiu vítima de uma forma altamente especializada da disciplina da teologia ou poderíamos dizer de uma excrescência peculiar desse campo, a teologia moral. Os fundamentos bíblicos desse sistema ético são extremamente débeis, já que não há nada semelhante a ele no Novo Testamento. O que a teologia moral quer ser, entre outras coisas, ou seja, “Instruções do serviço cristão para todos os casos previsíveis na vida” (*Lexikon für Theologie und Kirche*, vol.7, 1962, 613), é algo que teve basicamente de ser elaborado por conta própria. Os que se envolveram nesse esforço devem ter-se sentido mais ou menos abandonados por Cristo, já que a pregação de Jesus “era uma apresentação, nem completa e tampouco sistemática, da ética de qualificação para o Reino de Deus”. A Igreja remediou essa lacuna na pregação de Jesus ao completar, sistematizar e concretizar sua teologia moral, trazendo à luz as características essenciais da estrutura coerente e da casuística pormenorizada. No decorrer do tempo, a casuística tornou-se o aspecto mais marcante do sistema. Um cristianismo que originalmente se movia à luz do dia transformou-se num cochicho discreto no escuro do confessionário, que cada vez mais foi concentrado nos pecados da carne. Os eclesiásticos acreditavam que nenhuma falha sexual poderia ser trivial, conforme Roma decidiu oficialmente a 4 de fevereiro de 1611. HEINEMANN, 1999. pp. 343-344.

ao inferno, com a sexualidade no objeto principal da construção do todo. E que o céu seria algo vinculado a uma forma assexuada¹⁵².

A questão levantada aqui sobre sanidade e sexualidade destaca o fato de que nos dias atuais a mídia e as informações à disposição por todos os meios, estão levando o sujeito cristão a pressões emocionais sobre seu desejo e aquilo que ensinam sobre a fé, a banalização de valores através da mídia e meios de comunicação, desrespeita a estrutura psíquica do sujeito e a fragilidade do ser. O sujeito experimenta algo que trinca a sua psique, levando ao estado limítrofe de sua sanidade.

É verdade que os ensinamentos na igreja não refreiam mais os desejos e a sexualidade do sujeito na vida diária. Mas gera no fiel a pressão e o medo de ir para o inferno ou mesmo a pressão do equilíbrio psíquico diante da possibilidade de infringir algo que possa abalar sua estrutura psíquica.

A culpa se alimenta do medo. O sujeito na fé cristã não sabe compreender a graça e a liberdade do Evangelho, mas o ato o leva a insanidade, porque se sente desamparado por todos e por Deus.

Diante de todo exposto, o desafio é olhar para a Igreja com o desejo da verdadeira manifestação tripartida. A manifestação social no acolhimento, demonstração de afeto e ações integradoras em sociedade diante dos dons e frutos na busca de um encontro real com a manifestação da graça e por fim, um encontro pessoal e com Deus.

Ao ler a psicanálise é natural a percepção de que a transferência se manifeste como ação e manuseio nas relações no meio social e do conselheiro eclesial. Transferência como fantasias suscitadas e tornadas conscientes no

¹⁵² Mesmo o Papa João Paulo II aceitou um certo grau de desejo pelo prazer por parte das pessoas casadas quando em *Familiarisconsortio* (1981) permitiu a continência periódica como método para evitar filhos. Assim, abandonou o motivo agostiniano da procriação como fator mais importante em todo ato conjugal, e ao fazer essa concessão ao prazer, o papa está em franca oposição à condenação agostiniana do ritmo como "método do alcoviteiro". No entanto, João Paulo II ainda se mantém na trilha do antigo agostinismo. Na verdade, o motivo da procriação como exigência para todo o ato conjugal foi descartado, mas não o ódio ao prazer. E já que, no fundo, Agostinho abominava o prazer mais do que gostava da procriação, a tradição católica foi preservada. A procriação pode ser evitada, na medida que se evite também o prazer. HEINEMANN, 1999. pp.297.

aconselhamento pastoral, onde o sujeito naturalmente substitui uma pessoa do seu passado pela figura do conselheiro.

Assim como existe a melodia dessa música no encontro do psicanalista com seu paciente, o conselheiro pastoral é convidado a uma dança que ele não conhece a melodia. Isto quer dizer que toda uma série de experiências psíquicas prévias do sujeito são revividas não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do conselheiro.

A dificuldade que se instala diante do conselheiro tem seu início no próprio conselheiro. Ou seja, o conselheiro naturalmente terá que elaborar a transferência no seu íntimo e, ao fazê-lo, buscar a compreensão daquele que se senta à sua frente, com dificuldades que se mesclam entre a fragilidade humana e as limitações da compreensão da graça.

Entre vários significados simbólicos que são trazidos à tona na transferência, um em especial é o desejo sexual. E nesse caso em especial, o desejo não pode ser compreendido apenas como o desejo e o prazer de um sujeito para o outro, ele vai além.

Na incompreensão do conselheiro e daquele que se senta à sua frente, revela-se o inconsciente, trazendo um passado presente, misturado de dor e trauma, desejo e fantasia.

O conselheiro está diante de algo que ultrapassa a percepção do seu ensino teológico. Sua formação e percepção do outro é dentro da natureza da fé e não da compreensão da psique.

3.2. PSICANÁLISE, SEXUALIDADE E DESEJO.

Na experiência e na teoria psicanalítica, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica

fundamental (respiração, fome, etc.) e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal de amor sexual.

A teoria das pulsões é a parte mais significativa da psicanálise e o interesse de Freud é especificar como “pulsão sexual” a energia própria da libido. Essa sexualização encontra, na verdade, seu primeiro fundamento na noção de zona erógena. É feita a distinção de uma pulsão originada de fonte de impulsos não sexuais como pulsões parciais - onde ocorre a contribuição de um órgão receptivo de excitação (pele, mucosa, órgão dos sentidos); assim, escreve Freud, descrevendo como “zona erógena” o “órgão” cuja excitação confere à pulsão um caráter sexual. Trata-se, portanto, de uma fonte de excitação que estimula o organismo a partir das necessidades vitais interiores e o impele a executar a descarga desta excitação para um determinado alvo.

A gratificação do impulso sexual não significa apenas uma descarga do impulso sexual, significa também uma descarga de tensão. Ocorre também o fato de que o prazer possa ser impedido ou substituído por culpa, vergonha, ou aversão e de que há uma relação entre a sexualidade e o prazer.

As pulsões de vida buscam a sobrevivência de um indivíduo, a preservação da espécie, a realização das necessidades (sono, ar, alimento...) juntamente com a satisfação das pulsões sexuais. As pulsões sexuais são extremamente fortes e erotizam todas as outras necessidades vitais, buscando a realização do próprio prazer que, muitas vezes, está próximo das relações primitivas do bebê com a mãe e de suas identificações.

Robinson menciona em seu livro:

... o cristianismo nasce entre os hebreus, mas se desenvolve no ambiente greco-romano. A glorificação da virgindade, o celibato clerical, o monasticismo, o isolamento dos eremitas, a autocastração de Orígenes, a depreciação corporal dos anacoretas, são sinais e sintomas do afastamento da visão hebraica.¹⁵³

¹⁵³ CAVALCANTI, 1990, p. 25.

Ao elaborar as palavras do autor Robinson Cavalcanti a despeito da construção do processo da fé cristã, percebe-se que o cristianismo sofreu forte influência dos gregos e dos romanos, em especial a religião pagã.¹⁵⁴

Em nossos dias, em se tratando de sexualidade, a posição das igrejas, no geral, é baseada no paganismo, no medievalismo e na moral pequeno-burguesa, com uma roupagem e uma linguagem pretensamente bíblicas.¹⁵⁵

Ler um autor cristão se posicionando diante de um tema que em meio à sociedade ainda é muito contraditório, principalmente em meio à sociedade cristã, é sempre uma surpresa.

Robinson menciona que a Bíblia quase sempre é lida a partir da “ótica cultural”, cujo resultado se torna ideológico, tomando posições oficiais e impostas sobre os fiéis pelos mecanismos institucionais. O autor diz que uma ótica particular apresenta-se colada ao próprio texto bíblico, como se fosse uma mensagem revelada natural e direta.¹⁵⁶

A moralidade no meio cristão toma proporções irreais, pois por um lado condena-se a manifestação da sexualidade em todos os níveis possíveis e inimagináveis. O autor apresenta as correntes teológicas que são o reflexo do pensamento atual da teologia da igreja. Ao mesmo tempo é demonstrada a dificuldade que cada corrente tem relacionada à sexualidade.¹⁵⁷

¹⁵⁴ Não é verdade que o cristianismo trouxe o autocontrole e o ascetismo ao mundo pagão que se deliciava com os prazeres e com o corpo. Pelo contrário, a hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da antiguidade que foi singularmente preservado até hoje no cristianismo. Os cristãos não ensinam aos pagãos licenciosos, dissolutos, a odiarem o prazer e a se controlarem; foram os pagãos que tiveram de reconhecer que os cristãos eram tão adiantados quanto eles próprios. Galeno (século II), médico pessoal do Imperador Marco Aurélio, grego e pagão, julgava louvável que os cristãos, apesar de sua deficiência filosófica, traduzissem em realidade de virtudes autenticadas que ele tinha em alta conta, como a continência sexual durante toda vida. Escreve: “As pessoas, na maioria, não conseguem acompanhar um argumento coerente. Isso porque precisam de parábolas, de que fazem bom uso. De modo semelhante, hoje vemos pessoas chamadas cristãs que extraem sua fé de parábolas e milagres. E, contudo às vezes se comportam exatamente como aquelas que vivem segundo determinada filosofia. Pois seu desprezo pela morte e suas consequências se torna evidente para nós todos os dias, assim como sua continência sexual. Pois entre elas se contam não só homens como mulheres que vivem a vida inteira na continência sexual. Entre elas há pessoas que atingiram um tal estágio de autodisciplina e de autocontrole que não é inferior ao dos filósofos genuínos” (Richard Walzer, *GalenonJewsandChristians*, Londres, 1949; pp. 19-20) HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunucos pelo reino de Deus: Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 1999, p. 21.

¹⁵⁵ CAVALCANTI; 1990. p. 25-26.

¹⁵⁶ CAVALCANTI, 1990. p. 25.

¹⁵⁷ O pessimismo sexual na antiguidade deriva, não como ocorreria depois do cristianismo, da maldição do pecado e da punição a ele, mas, sobretudo de considerações médicas. Pitágoras (século VI a.C) diz que, devemos satisfazer o sexo no inverno, mas não no verão, fazer uso moderado dele na primavera e no outono,

Através de Robinson Cavalcanti pensa-se sobre a deficiência na formação dos conselheiros pastorais, psicoterapeutas cristãos e não cristãos na área de ciências sociais, onde é de importância salientar o encontro da transdisciplinaridade como forma de compreensão da Religião, Filosofia, Sociologia e Psicanálise.

3.3 ESPIRITUALIDADE E SEXUALIDADE: UM CONFLITO INTRÍNSECO NO CRISTÃO

O autor Karl Kepler descreve em seu livro, algumas neuroses de santidade ligadas à interpretação de que o homem é capaz de alcançar sua “santidade” por méritos próprios¹⁵⁸.

Em suas palavras a purificação é outro nome para a santificação, e nessa questão, percebe-se a necessidade que o sujeito tem de se misturar com o ato de Jesus, como se fosse possível “ajudar” a obra acabada.

O autor traz uma provocação em relação ao que é o sacrifício de Jesus e a sua dupla ação para aqueles que são alcançados pelo milagre do convencimento do Espírito.

embora fosse prejudicial à saúde em todas as estações. “Ao ser perguntado qual a melhor ocasião para o amor, respondia: “quando você quer se enfraquecer” (Diógenes Laércio, Vida dos filósofos, VIII). Os antigos, a propósito, acreditavam que as mulheres não eram prejudicadas pelo coito, já que, ao contrário dos homens, não sofriam a perda de energia mediante a perda do sêmen. O ato sexual é apresentado como ato perigoso, difícil de controlar, prejudicial a saúde e extenuante, Xenofonte, Platão, Aristóteles e o médico Hipócrates (século IV a.C), todos o viam dessa forma, Platão (m.348/47 a.C) fala no Leis sobre o conquistador olímpico Issos de Talento: Ele era ambicioso e “possuía em sua alma a técnica e o poder da continência”. Depois que começou a se dedicar ao treinamento , “diz-se que nunca mais tocou numa mulher ou num menino”. Hipócrates descreve o destino do jovem que morria louco depois de uma enfermidade de 24 dias que começava por um simples mal-estar do estômago. Antes teria se excedido nos prazeres sexuais (Epidemia III, 18), Hipócrates julgava que o homem proporcionava ao corpo a máxima energia retendo o sêmen, porque a perda excessiva de sêmen levava à tabes dorsalis e à morte. A atividade sexual era um perigoso sorvedouro da energia da pessoa. Sorano de Éfeso (século II d.C), médico pessoal do imperador Adriano, considerava a virgindade contínua saudável. A única justificativa para a atividade sexual era procriar, gerar a posteridade. Sorano descreve os efeitos prejudiciais quando se vai além dos limites da procriação. HEINEMANN, 1999. p. 21-22.

¹⁵⁸KEPLER. 2009, p. 48.

Assim como no deserto uma simples serpente de bronze trouxe ao israelitas a cura e a salvação somente ao olhar em sua direção, percebe-se em Jesus ao se encontrar no caminho com Paulo, uma descrição que apresentou a ele de forma resumida e reveladora: “Para lhe abrir os olhos, afim de que se convertam das trevas à luz e do poder de Satanás para Deus”.¹⁵⁹

Há ainda muitas coisas não compreendidas no meio social cristão, a “santificação pela fé em Jesus” é o exemplo do que não foi compreendido e ensinado em uma cultura popular cristã, desta forma o mesmo sujeito que foi alcançado em Salvação, também é o mesmo que é santificado em Jesus.¹⁶⁰

Mas a incompreensão dessa graça para o homem é algo que não se limita somente em termos de alcance cultural, vai além. A incompreensão perpassa também na cultura sobre a sexualidade ao longo da história.

O mesmo autor menciona que chegará o momento em que todos os desejos pecaminosos estarão anulados, sob os pés de Jesus. Isso acontecerá em Jesus e não através dos próprios esforços, a tentativa de alcançar em uma moralidade ocasional, um puritanismo e mesmo a ética onde se buscam a meritocracia.

Pensar desta forma remete como cristãos, viver os pensamentos cartesianos, onde a sociedade encontra respostas através dos méritos próprios e a mesma é sustentada em conhecimento de autoafirmação¹⁶¹.

A sexualidade e o desejo sexual foram colocados como os vilões que habitam o humano e pertence aos demônios, não é raro ler-se em vários

¹⁵⁹Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim. Bíblia sagrada com reflexões de Lutero, At. 26.18.

¹⁶⁰Existe uma coisa, ainda não compreendida em nossas igrejas, que se chama “santificação pela fé em Jesus”. Em nossa cultura popular evangélica, geralmente dividimos a obra de Deus em nossas vidas em duas partes: salvação e santificação. Ninguém duvidará que a salvação seja pela fé em Jesus. Mas quando o assunto é santificação, a palavra “fé” nem sequer é lembrada (a não ser, talvez, no sentido de conjunto de doutrinas). Pois isso novamente explica aquele círculo vicioso, de só produzirmos bebês espirituais; e de que muitos, na busca por um crescimento e amadurecimento (que equivale a dizer na busca de mais verdade), tiveram de sair da igreja, pois não podiam ser verdadeiros e maduros lá dentro. Triste situação, mas, infelizmente cada vez mais comum. KEPLER, Karl. 2009, p. 48.

¹⁶¹ Estabelece-se o caráter originário do cogito como autoevidência do sujeito pensante e princípio de todas as evidências. Acentua-se o caráter absoluto e universal da razão que, partindo do cogito, só com suas próprias forças pode chegar a descobrir todas as verdades possíveis. Daí a importância de um método de pensamento que garanta que as imagens mentais, ou representações da razão, correspondam aos objetos a que se referem e que são exteriores a essa mesma razão. ARANHA, 1993, p. 105.

pensadores da igreja cristã, o desejo de expurgar o sexo e a libido do ser humano¹⁶².

A Bíblia com os comentários de Martinho Lutero é um exemplo, quando faz uma reflexão sobre São Jerônimo¹⁶³, dentro do texto de Coríntios que menciona o conselho de Paulo sobre casar do que se abrasar, diz sobre o quanto esse bom homem sofreu contra seu próprio desejo. Desejo que preferiu combater com as armas que acreditava serem as mais poderosas para aniquilar a pulsão sexual, “vigílias e jejuns”.

A incompreensão de Jerônimo era ao mesmo tempo aquilo que temia e desejava, interpretando pra si que por certas formas de “sacrifício”, conseguiria ser absorvido ou mesmo ter da parte de Deus o alívio necessário sobre seus desejos.

Ao longo da história da igreja e pela incompreensão tanto sobre o próprio sujeito e sua pulsão libidinal, a mesma não compreendeu nem os próprios textos bíblicos e as referências sexuais descritas nos textos sagrados a despeito do humano, várias linhas teológicas optaram por darem uma interpretação espiritual a contextos no qual não se retrata e nem menciona a sexualidade na Bíblia.

Muitas interpretações teológicas de segmentos doutrinários levaram a incompreensão do sujeito como um ser integral (Corpo, Alma e Espírito) nos textos

¹⁶² Os celibatários da Igreja nunca conseguiram lidar livre e abertamente com as mulheres. Seus status e estilo de vida foram por demais baseados na diferenciação e oposição ao casamento e à feminilidade para que não vissem as mulheres como negação de sua existência celibatária e uma ameaça a ela. As mulheres muitas vezes os atingiram como a personificação das armadilhas do demônio. O maior perigo do mundo, conforme o veem, move-se furtivamente nesse sentido. Crisóstomo deixa isso claro em seu escrito Sobre o sacerdócio: “Há no mundo um grande número de situações que debilitam a consciência da alma”. A primeira e mais importante destas é o trato com as mulheres. Em sua preocupação com o sexo masculino, o superior não pode se esquecer das mulheres, que precisam de maiores cuidados, exatamente por causa de sua pronta inclinação para o pecado. Nesta situação o inimigo maligno pode encontrar muitas maneiras de entrar sorrateiramente, em sigilo. Pois o olhar das mulheres toca e perturba nossa alma, e não só o olhar da mulher desenfreada mas também o da mulher decente. Obviamente o celibato não consegue mudar homens em seres assexuados, e por isso “o olhar da mulher” era um perigo constante. HEINEMANN, 1999. p.134.

¹⁶³ Viver abrasado é o ardor da carne que não cessa de tumultuar; é a atração diária pela mulher ou pelo homem que existe em toda parte onde não há gosto e amor pela castidade, de maneira que são tão poucos os que não vivem abrasados, como são poucos os que receberam a graça de Deus para a castidade. Esse ardor é mais forte num, mais brando noutro. Alguns o sentem com tanta violência, que se satisfazem a si mesmos. O lugar de todos esses é o casamento. Ouso dizer: Para cada pessoa casta deve haver mais do que cem mil pessoas casadas. Nada melhor do que um exemplo: São Jerônimo, que glorifica a castidade da forma mais exagerada, confessa que não conseguiu dominar sua carne nem com jejum, nem com vigílias, de modo que sua castidade deve ser trabalhada e que é algo comum. Ora, o homem vivia abrasado e devia ter-se casado. Aí percebe o que significa viver abrasado. Ele foi um daqueles que devia ter casado, e injustiçou-se e fez sofrer a si mesmo pelo fato de não ter-se casado. Bíblia Sagrada com as Reflexões de Martinho Lutero, Co. 7.8, p. 1078.

bíblicos, assim as linhas teológicas preferiram interpretar e transcrever textos que remetem para a alma e o espírito, fugindo da interpretação integral do sujeito¹⁶⁴.

À medida que se compreende através de leituras, pesquisas, conhecendo os textos e os estudos, se torna inevitável o confronto com as distorções, falsas interpretações da palavra.

Ao longo do tempo é percebido o medo que a sociedade tem em relação ao sexo, as manifestações são sempre no sentido de denominar e associar o pecado carnal como pecado original. De forma que as interpretações remetem ao sujeito o pensamento de que o sexo é o maior dos pecados¹⁶⁵.

E nesse sentido compreender a dificuldade em relacionar sexualidade, teologia e desejo libidinal, em Cantares fica claro a transliteração de um versículo que foge ao contexto original: O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como montão de trigo, cercado de lírios.¹⁶⁶

Caio Fábio faz menção que a Bíblia sofreu uma interpretação ocasional, a partir da moralidade de sua época e o receio do trauma em sociedade sobre o Evangelho que traz grandes desafios, principalmente referente à sexualidade mencionada em Cantares de Salomão.¹⁶⁷

¹⁶⁴ Como a teologia cada vez mais se tornou o assunto de celibatários, o pecado foi mais e mais colocado no reino do sexo. Com o crescimento da neurose sexual, mediante seu empenho em tornar os leigos em monges, o cristianismo distanciou-se de suas raízes judaicas no Antigo Testamento e da vida judaica em geral. O cristianismo virginal condenou o judaísmo carnal: os oito sermões de Crisóstomo dirigidos contra os judeus em 387 em Antioquia constituíram uma enorme calúnia. Descreveu os judeus como "carnais", "lascivos", e "amaldiçoados". "Aqui encontramos reunido o arsenal de todas as armas que foram apontadas contra os judeus até hoje" (*Friedrich Heer, GatterserteLiebe: Die JudenimSpannungsfeld der Gerchichte, 1981, p. 67*). HEINEMANN, 1999, p. 72.

¹⁶⁵ Não é verdade que o cristianismo trouxe o autocontrole e o ascetismo ao mundo pagão que se deliciava com os prazeres e com o corpo. Pelo contrário, a hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da antiguidade que foi singularmente preservado até hoje no cristianismo. Os cristãos não ensinaram aos pagãos licenciosos, dissolutos, a odiarem o prazer e a se controlarem; foram os pagãos que tiveram de reconhecer que os cristãos eram tão adiantados quanto eles próprios. *Galeno* (século II), médico pessoal do Imperador Marco Aurélio, grego e pagão, julgava louvável que os cristãos, apesar de sua deficiente filosofia, traduzissem em realidade de virtudes autênticas que ele tinha em alta conta, como a continência sexual durante toda a vida. HEINEMANN, 1999, p. 21.

¹⁶⁶ Bíblia Sagrada com Reflexões de Lutero, Ct. 7.2.

¹⁶⁷ O amor entre um homem e uma mulher é também amor entre macho e fêmea; entre seres de sexos opostos, tão opostos quanto atraentes entre si; tão diferentes quanto embutíveis; tão dessemelhantes quanto perfeitamente complementares. É nessa diferença que a psique desenvolve fenômeno do mistério, do oculto, do enigmático, do encoberto, do guardado, a fim de se excitar em desvendar o mistério, revelar o oculto, decifrar o enigmático, descobrir o encoberto e apropriar-se do guardado. É revolucionário o fato de, em Cantares, não apenas o corpo da mulher é belo, mas também o do homem. Aliás, ainda que não exagerasse o

O oportunismo que se pensa está relacionado à forma teológica de interpretar um texto bíblico diante da moralidade de uma época, percebe-se em outros textos a mesma sutileza.

No sermão do monte, Jesus se referindo aos bem-aventurados ou os que marcham, encontra-se no seu contexto um versículo solto, que mesmo no original parece não fazer parte do contexto. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas, e para o justificar, fazeis longas orações; por isso sofrereis juízo muito mais severo.¹⁶⁸

O constrangimento de ter esse texto na Bíblia faz que a maioria dos estudiosos e teólogos não use o mesmo nos comentários bíblicos, remetendo a interpretação para um segundo ou terceiro momento.

O que chama a atenção a despeito desse versículo é que ele se encontra isolado do contexto do qual faz parte. Edson de Faria Francisco¹⁶⁹, professor de idiomas originais mencionou que esse versículo dá a conotação de não fazer parte

valor e papel do corpo, a Bíblia vindica-lhe significativa atenção quanto a observar, com alguma frequência, a beleza que o possa estar vestindo (I Samuel 9:2;16:12;II Samuel14:25; Daniel 1:4). Assim é que no livro do amor conjugal ideal, Cantares, tanto a mulher quanto o homem possuem corpos dignos de serem considerados. Isso faz ser banido de nossas mentes todo gnosticismo subjacente que possa estar pretendendo dicotomizar o corpo do espírito, e o material do espiritual. No Cântico dos Cânticos, o corpóreo é vazado pelo espiritual, e o físico santificado no uso e ação do amor. É no ato conjugal o momento em que surge a maior oportunidade e o melhor pretexto para que se tenha uma mente grata pela bênção de ser alma corpórea e de se poder psicossomatizar alegrias e emoções na resposta que o corpo dá ao prazer que vem pelo encontro apaixonado de duas almas conjugadas pelo amor. A anatomia do amor na Bíblia desce a um nível de detalhamento que a maioria dos cristãos que conheço não pode suportar. A descrição como essa que me propus a fazer em Cantares sei que me exponho a ser mal entendido e interpretado. Reconheço que a mentalidade evangélica ainda é possuída por um ascetismo corpóreo maligno, e hipócrita. O Sexo oral seria quando alguém com a boca toca o órgão genital do cônjuge. Talvez o que eu diga agora possa chocar, mas há um texto no livro de Cantares tão forte que a tradição cristã o removeu. Pois é, a tradição cristã ficou mais santa do que Deus. Diz o seguinte: "Bebo do umbigo da..." Ficou bonita a figura de linguagem, mas o texto original não está falando em umbigo mas de genitália. Este texto é forte que os santos católicos não aguentaram e removeram. Não estou dizendo para fazer isto, mas, sim, que a Bíblia faz uma viagem tão ampla que o marido se dá ao direito, se isto for uma coisa consensual, de beber o vinho dele ou dela ali. Isto é também algo de consenso. Parece tão difícil para alguns entenderem algo tão simples. FABIO, Caio. Entre um homem e uma mulher. 1995 pp. 71-72, 89-90, 104-106. FABIO, Caio. Brincadeira de Gente Grande. 1998, p. 94.

¹⁶⁸Bíblia sagrada com reflexões de Lutero, Mt. 23.14.

¹⁶⁹Professor da Universidade Metodista, Pós-Doutorado: LexiconMasoreticum: Léxico de Terminologia MassoréticaTiberiense (2012). Tese de Doutorado: O Campo Semântico da Massorá: Neologismo Semântico na Terminologia MassoréticaTiberiense (2008).Dissertação de Mestrado: Masora Parva Comparada: Comparação entre as Anotações Massoréticas em Textos da Bíblia Hebraica de Tradição Ben Asher em Isaías, capítulos de 1 a 10 (2002). Disponível em <http://portal.metodista.br/fateo/docentes/edson-de-faria-francisco> acessado 27.01.2016

desse conjunto no original. A *TigBible – A Mensagem*¹⁷⁰ exclui o versículo 14 do texto de Mateus 23. Pois no original o mesmo não faz parte do contexto e do conjunto dos demais versículos.

Mas o que esse versículo traz como compreensão? Ele demonstra a capacidade do sujeito de explorar um grupo que no meio da cultura judaica era para ser cuidada e protegida pelo templo e seus mestres. Tiago traz a noção e compreensão de como seria o cuidado verdadeiro com as viúvas.¹⁷¹

Fica evidente o atrelamento da exploração sexual de um grupo frágil por aqueles que são representantes do sagrado, Moisés apresentou Shalom Adonai no passado. A nuance e o atrelamento são o desrespeito com aquelas que são a imagem de Deus, que Jesus menciona que deveríamos amar como se fosse a Deus. E vai além, faz uso de orações prolongadas como justificativas para estarem naquele ambiente, violentando as mulheres viúvas.

3.4 CAMINHOS CRUZADOS: PSICANÁLISE E O ACONSELHAMENTO

... Eram ali dezoito ou vinte homens pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas.., escrevia Pero Vaz de Caminha em sua famosa carta a El-Rei de Portugal, relatando o primeiro encontro da frota cabralina com os nativos de Vera Cruz. Para dar a Sua Majestade uma idéia do tipo físico dos habitantes da nova terra, afirmava: “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos, andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão cerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto...” Impressionado particularmente com as representações do sexo oposto, Caminha dizia: “Entre todos estes, que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa; à qual deram um pano, com que se cobrisse, e pusseram-lhe ao redor de si; porém ao sentar não fazia memória de o

¹⁷⁰A Mensagem — tradução do texto *The Message*, de Eugene Peterson — é uma tradução contemporânea da Bíblia com base nas línguas originais que procura preservar na linguagem do dia a dia seus eventos e ideias. O trabalho de Eugene Peterson foi completamente revisado por uma equipe de renomados acadêmicos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, que garantem sua precisão e fidelidade às línguas originais. Sobre o Autor EUGENE H. PETERSON é pastor, acadêmico, escritor e poeta. Depois de lecionar em seminário e de se dedicar por quase trinta anos ao ministério eclesástico na região de Baltimore, Peterson criou o famoso texto *The Message* — em português, *A Mensagem* — uma paráfrase vibrante da Bíblia que se conecta ao leitor de hoje como nenhuma outra, resultado de dez anos de trabalho. Disponível em <https://www.olivetree.com/store/product.php?productid=21408> acesso em 15/08/2015.

¹⁷¹A religião pura e imaculada para com Deus e Pai é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo. Bíblia Sagrada com reflexões de Lutero, Tg. 1.27.

muito estender para cobrir, assim, Senhor, que a inocência desta gente é tal, que a Adão não seria mais quanto em vergonha...¹⁷²

Pero Vaz de Caminha, com sua cultura europeia e formação católica de prática religiosa demonstra como é desconhecida à mensagem do Evangelho e como o ser humano se desconhece no processo.

Fica evidente que ao desconhecer a si próprio, o homem faz as alterações significativas na forma de interpretar e ensinar o Evangelho a outros, assim como altera a forma que deveria acolher em aconselhamento os que procuram amparo, conforto e segurança.

Junto com Pero Vaz de Caminha veio seu capitão-mor Pedro Alves Cabral comandando uma armada de 13 navios, com mais de 1200 homens, dentre eles homens de renome, entre esses uma comissão da Igreja Católica.¹⁷³

A certa altura da carta, lê-se:

Parece-me gente de tal inocência que se os homens os entendessem e eles a nós, que seriam logo cristãos; porque eles não têm, nem entendem nenhuma crença, segundo parece e, portanto se os degredados, que aqui hão de ficar, aprenderam bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa intenção de Vossa Alteza fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, à qual preza a Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, eles, que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem causa. E portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé católica, deve entender em sua salvação, e prazer a Deus, que com pouco trabalho será assim.¹⁷⁴

O desafio de elaborar os conceitos da moralidade, cultura, leis, espiritualidade e a interpretação bíblica remetem a julgamentos da sociedade com a “impressão” de que alguém é superior ao outro. A moralidade sexual é um desafio a ser pensado no campo teológico, antropológico e psicológico.

¹⁷²CASTRO, Therezinha de. História documental do Brasil. 1968, p. 18-26.

¹⁷³Quando Pedro Álvares Cabral partiu da foz do Rio Tejo, na madrugada de uma segunda-feira (9 de março de 1500), comandando uma armada formada por 13 navios (com mais de 1.200 homens) para fazer a segunda viagem portuguesa à Índia, tinha conhecimento das missões expedicionárias, comerciais, diplomáticas (eventualmente bélicas) e religiosas que a coroa portuguesa estabeleceria para aquela jornada. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-04-22/para-historiadores-descobrimto-do-brasil-nao-foi-por-acaso.html> acesso em 15/08/2105

¹⁷⁴De certo modo observa-se a presença entre os portugueses do mito do selvagem bom, o que implica, logicamente na corrupção do homem pela sociedade. O sentido cristianizador e civilizatório está inseparável, daí a “facilidade” em cristianizá-los. A crmandade da época era entendida pelo estar dentro das fronteiras de um país cristão e da Igreja Romana, pelo batismo. Surpreendentemente é a sugestão de por os famosos degredados (responsáveis por delitos políticos e comuns) como missionários. CAVALCANTE, Robinson. Uma benção chamada sexo. 1979, p.24.

Percebe-se que o despreparo dos conselheiros eclesiásticos na comunidade cristã já é de longo do tempo. A ênfase em evangelizar e conquistar sempre foram a carta maior de um despreparo. Compreende-se que o cuidado em aconselhamento era uma atividade discreta e consideravelmente demorada à sua formação. Enquanto a evangelização não era tão necessária à capacitação em nenhuma época, pois se acreditava que a obra era feita com o impulso missionário e Deus os abençoaria pela sua “boa intenção”, tornando desconhecedores da sua própria “moralidade e ética”.

Ao olhar para os pais da igreja reconhecem-se a admiração e gratidão pela mensagem que chegou aos dias atuais, porém essa admiração e gratidão deixam distante uma permissão para interpretar a história e os textos bíblicos neste momento histórico, com suas demandas e conflitos da atualidade.

Dentre tantas demandas, tem-se a questão do sexo, o papel da mulher, o contexto da Educação, os laços familiares, as uniões e separações. A tecnologia e as aproximações, novas relações e as configurações familiares, o contexto da poligamia e monogamia em nossas relações atuais. A dependência de substâncias química, perturbações psíquicas e somáticas.

Entre 1500 a 1750 o grande tema que se pesquisava era relativo às questões filosóficas e religiosas sobre a contracepção. Uta Ranke em seu livro traz detalhadamente a evolução do assunto.¹⁷⁵

¹⁷⁵Os casais cristãos só dispunham de dois métodos de contracepção. O primeiro era o mais católico, a continência, conveniente quando ambos os cônjuges o desejassem. Esse foi o que Jonathan Swift (m. 1745) aconselhou nas Viagens de Gulliver (1726). Os Houyhnhms perfeitos e inteiramente racionais (cavalos) comportam-se de tal forma que “impedem que o país fique sobrecarregado em números”: os da classe superior deixam de manter relações sexuais tão logo tenham gerado um de cada sexo. (...) Mas a raça inferior se multiplica para tornarem servos (...) têm a permissão de gerarem três de cada sexo, para servirem de criados nas famílias nobres. Noonam fala sobre esse método de contracepção em seu livro Contracepção (1982²): “Nenhum teólogo importante negou que a continência, para evitar o excesso de filhos, não fosse lícita” (p.336). Desse ponto de vista, havia ao menos alguma coisa que as pessoas casadas estavam autorizadas a fazer. Podemos presumir que essa espécie de ovo de Colombo provavelmente nunca foi proibida, mesmo pelos teólogos sem importância. As palavras de Noonam são sintomáticas de uma situação em que as pessoas casadas têm um grupo de clerocratas que as conduzem pelo nariz: todas as atividades, desde que não sejam proibidas, requerem a aprovação dos teólogos moralistas. A continência por mútuo acordo representava o ideal conjugal cristão desde os tempos antigos. Na Idade Média já existia uma série de ervas monásticas que ajudavam na continência, por exemplo, agnus castus (literalmente, cordeiro casto), que Plínio (m.79) menciona em sua História natural, e sobre a qual Francisco de Sales (m. 1622) diz em sua sempre popular Introdução à vida devota: “Quem dormir sob o efeito da erva agnus castus se tornará recatado e casto” (3,13). HEINEMANN, 1999. p.285-286.

Naturalmente esse assunto era tema principal da Igreja Católica, pois muitas “bruxas parteiras” foram queimadas e a questão da contracepção tornou-se suspeita e perigosa.

O degredo para o Brasil era uma forma de punição para inúmeros delitos, desde os de natureza religiosa até homicídio. Estes, os aventureiros, os náufragos e mercadores, possuíam uma coisa em comum: a ausência de mulheres. Uns eram solteiros e os que eram casados deixavam as mulheres na Metrópole esperando pelo seu futuro regresso (o que quase nunca ocorria) ou para que mandassem buscá-las assim que fosse possível. Aqui chegando, encontravam as índias e posteriormente as negras, submissas, inferiorizadas, prontas para qualquer ação libidinosas, livremente, sem compromissos e responsabilidades.¹⁷⁶

O tipo de relacionamento sexual era o mais primário possível, ao nível animal, ausente de sentimentos e emoções mais profundas. Sem mulheres, sogra ou cunhado para servir de freio, sem uma sociedade com costumes morais suficientemente fortes para pressioná-los, sem vínculos matrimoniais eclesiásticos ou seculares, o colono vivia a plena liberdade sexual.

Não é exagero afirmar que nos primeiros séculos da história brasileira não se fala em poligamia. O que havia era a pluralidade ilimitada de uniões irresponsáveis, mera satisfação de instintos e fonte de reprodução da raça, aquilo que Caio Prado chama de “indisciplina sexual”¹⁷⁷ e que Gilberto Freyre denomina de “intoxicação sexual”.¹⁷⁸

¹⁷⁶O primeiro grande erro cometido pela igreja em Portugal foi a demora em enviar missionários para evangelizar os 1,5 milhão de indígenas que havia no Brasil na época da ocupação portuguesa e padres para pastorear os brancos que vieram para cá. Nem sequer enviaram um capelão para dar assistência religiosa aos degradados. A verdade que diversos franciscanos estiveram aqui por algum tempo antes da chegada definitiva da primeira missão Jesuíta, em 1549. Foram 50 anos jogados fora, por causa da preocupação de Roma com a Reforma Protestante na Europa e por causa dos interesses de Portugal nas Índias. A situação do clero no início do século 16 era dramática. O problema vinha dos dois últimos séculos. Foi uma das causas da Reforma Protestante e da contrarreforma Católica. Não havia vocação, não havia preparo e não havia moral. O clérigo era um funcionário eclesiástico, sem preocupação com a evangelização, catequese e conversão do povo. O sacerdócio era um meio de vida. Não podendo se casar por causa da lei do celibato obrigatório, o sacerdote simplesmente se juntava com uma escrava. Às vezes não havia falta de padres, o que faltava era santidade do ministro. Daí a denúncia do padre Manoel da Nóbrega: “Cá há clérigos, mas é a escória que de lá (Portugal) vem”. Muitos europeus em dificuldade financeira queriam ser padres no Brasil em troca da passagem e meios de subsistência. Livro CÉSAR, Elben M. Lenz. História da Evangelização do Brasil. 2.000, p. 55-56.

¹⁷⁷Prado Júnior, Caio. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo, Brasiliense, 192. p.353.

¹⁷⁸FREYRE, Gilberto. Casa grande e Senzala. José Olímpio Ed. 1954. V. I; p. 219.

É certo dizer que a prática e a fé eram distantes, pois ao encontrar uma terra onde somente a consciência seria o juiz de suas ações, percebe-se a manifestação profunda do inconsciente. Diante desses fatos foram construídas afirmações a despeito do sexo ligado aos demônios e sua influência sobre o ser humano.

Reafirmando as interpretações sobre o sexo ser a fonte do pecado original, reforçando o moralismo e distanciando a realidade do desejo e a pulsão libidinal¹⁷⁹.

Observa-se que ao longo da história, todas as formas de estudos e pesquisas foram em direção contrária ao desenvolvimento sexual como formação psíquica do sujeito. Freud começa sua jornada no século 18 ao observar um número considerável de mulheres em crises de histeria¹⁸⁰.

¹⁷⁹ A maneira como Agostinho abordou a história da criação de Adão e Eva, bem como de sua queda, deixou claro até onde ele estava disposto a deslocar o centro de gravidade do pensamento cristão sobre o ser humano. Um homem como Gregório de Nissa teria considerado altamente idiossincrático o livro do bispo de Hipona intitulado Comentário Literal sobre o Gênesis (uma obra extensa, iniciada por volta de 401 e concluída apenas em 416). O mesmo teriam pensado até Ambrósio e Jerônimo. Os três haviam compartilhado de um pressuposto instintivo e basicamente não analisado sobre as origens do casamento e da sexualidade. O casamento, a relação sexual e o Paraíso eram tão incompatíveis, na opinião deles, quanto o Paraíso e a morte. Disso, pelo menos, eles acreditavam poder ter certeza. Isso significava que a sexualidade, e portanto o casamento e a criação da família, só poderia ter decorrido da Queda de Adão e Eva. Eram o resultado de um triste declínio, pelo qual Adão e Eva teriam deslizado de um estado "angelical" para a natureza física e, por conseguinte, para a morte. Deixava-se um ponto de interrogação pairando sobre a sociedade humana. O casamento e as estruturas dele provenientes não poderiam ter derivado da natureza original do ser humano. A exegese ascética da Queda de Adão e Eva tendera a preservar, no íntimo do pensamento de seus expoentes, uma dúvida persistente: a sociedade, o casamento o casamento e, se não estes, certamente a relação sexual, seriam fundamentalmente estranhos a definição original da humanidade. Teriam surgido como uma consideração posterior. E teriam imposto limitações a majestade angelical originária de Adão e Eva. BROWN, Peter, *Corpo e sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo*. 1990, p. 328.

¹⁸⁰ Na Idade Média, sob a influência das concepções agostinianas, renunciou-se à abordagem médica da histeria e a palavra em si quase deixou de ser empregada. As convulsões e as famosas sufocações da matriz eram consideradas a expressão de um prazer sexual e, por conseguinte, a intervenções do demônio; um demônio enganador, capaz de simular doenças e entrar no corpo das mulheres para "possuí-las". A histeria tornou-se a feiticeira, redescoberta de maneira positiva no século XIX por Jules Michelet (1798-1874). No Renascimento, médicos e teólogos disputaram o corpo das mulheres. Em 1487, com a publicação do *Malleus Maleficarum*, a Igreja católica romana e a Inquisição dotaram-se de um manual alertador, que permitia "detectar" os casos de bruxaria e mandar para o carrasco todos os seus representantes, mais dois séculos, a caça às bruxas fez inúmeras vítimas, embora a opinião médica tentasse resistir a essa concepção demoníaca da possessão. Em 1888 e 1893, portanto Freud forjou um novo conceito de histeria. Retomou de Charcot a idéia da origem traumática. Todavia, pela teoria da sedução, afirmou que o trauma tinha causas sexuais, sublinhando que a histeria era fruto de um abuso sexual realmente vivido pelo sujeito na infância. No fim do século, todos os especialistas em doenças nervosas reconheciam a importância do fator sexual na gênese dos sintomas neuróticos, sobretudo no tocante à histeria. Nenhum deles, porém, sabia como teorizar essa constatação. E foi Freud quem resolveu a questão. Num primeiro momento, até 1897, ele adotou as idéias compartilhadas por numerosos médicos da época e elaborou sua teoria da origem traumática (sedução real). Depois, num segundo momento, renunciou a esta para inventar a noção de fantasia e retirar da sexologia a noção de libido. Extraído do livro *Dicionário de Psicanálise* pág. 338-341.

Freud e suas investigações o levam a um momento de revolução na história, ao passo que traz aos dias atuais o legado pelo qual se avança a despeito de sua grande descoberta. Percebe-se o quanto seu trabalho e legado foram colocados de lado intencionalmente em desejo de interpretar a história e os momentos sociais com outro olhar, que não a sexualidade e da energia libidinal.

A história descreve momentos que marcaram de forma indelével o inconsciente social e cultural de toda a humanidade, seus contatos com a igreja e seus ensinamentos foram constituídos de graves erros expressivos para a própria história e para a pregação do evangelho¹⁸¹.

Através da psicanálise e a transferência pode-se construir o pensamento de que: Ao entrar em um gabinete pastoral, o conselheiro carrega junto ao aconselhado toda a mistura de um legado, não compreendendo o quanto sua forma de olhar o outro e escutá-lo se distancia da verdade do evangelho.

Sua teologia se aproxima de pensamentos cartesianos, onde não se vê e nem escuta o outro livremente, não aceita o outro como é, ao contrário, antes de ouvi-lo tem-se em mente a prerrogativa do que o mesmo precisa¹⁸².

Neste ponto, se torna importante a percepção freudiana no acolhimento, na escuta e acima de tudo na aceitação. O conselheiro pastoral trabalha amarrado a todo um legado histórico que não diz respeito a ele, mas o prende por uma regra de moralidade e em muitos casos sua subsistência está atrelada a instituição.

¹⁸¹ Como quer que se pense da doutrina protestante da justificação, foi uma benção para a moralidade sexual. Pois, enquanto o catolicismo produziu a consciência do pecado, sem que se cometessem pecados, a noção protestante dos pecados que não são vistos e contados é sempre apropriada. Assim desaparece o tecido urdido de motivos e de valores compensatórios que tornam o prazer carnal por vezes aceitável, por vezes tolerável, a merecer indulgência, permissão, perdão ou punição. A estonteante estrutura de fantasmas em torno do prazer, que supostamente violava a dignidade humana, foi atingida "só pela fé" de Lutero, e começou a desabar, ao menos no princípio. A pudicícia do puritanismo é flor do pântano do protestantismo reformado. A conquista pioneira de Lutero nessa área, nitidamente simbolizada por seu casamento com uma freira, foi o fato que pôs fim à subordinação antinatural da condição matrimonial à celibatária. Em seu sermão "Sobre a avaliação favorável do estado conjugal" (1531) diz: "Sob o papado, o casamento foi considerado inferior, e todos estavam obrigados". HEINEMANN, 1999. p. 274.

¹⁸² Muitas pessoas que procuram assistência pastoral para problemas pessoais sofrem de consciência distorcidas, imaturas ou vazias. Muitas vezes elas não estão conscientes das raízes éticas de sua dor. Em nossa sociedade, as pastoras precisam desenvolver aptidões eficazes para guiar as pessoas através de complexas e confusas questões de ética e de valores. Esse aspecto da poimênica e do aconselhamento pastoral é um dos mais necessários e mais frequentemente negligenciados em nossos dias, caracterizados por uma transição ética que causa perplexidade. CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 5.ed. São Leopoldo, Sinodal, 2011, p. 133.

Dessa forma, sua palavra está contaminada com o que o Outro quer ouvir e não à escuta do sujeito que está desejoso à sua frente.

A poimênica antes de ir ao encontro do outro para escutá-lo, tem a necessidade de uma autoanálise, de uma percepção madura de que tudo que ele irá escutar tem a ver com sua própria cultura, época e história.

Um legado de marcas hereditárias, trazidas ao longo de toda a história de povos e raças, marcas de colonizadores na história mundial, tornam os sujeitos reféns alienados de um saber que Jesus menciona como libertação¹⁸³.

Nos últimos tempos vários livros tais como: Howard J. Clinebell Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento, Jorge A. León, Psicologia pastoral para todos los cristianos, Roseli m. Kühnrich de Oliveira, Pra não perder a alma: O cuidado aos cuidadores, Udo Rauchfleisch, Quem cuida da Alma? Controles de fronteiras entre psicoterapia e poimênica foram publicados com a intenção de provocar e ajudar os que cuidam. Essas pesquisas investigam grupos de medicina, enfermagem, teologia, psicologia, serviço social, pedagogia, psicopedagogia, educação, fisioterapia, fonoaudiologia, educação física, terapia ocupacional dentre outras.

Os desenvolvimentos da ciência alimentam a ilusão-ideal de que cada sujeito pode dispor do seu e do outro corpo como bem lhe parecer. Os ideais culturais propõem o consumo como a solução para os nossos sofrimentos.

Os cuidadores não são imune a toda sorte de sentimentos e formas de conflitos emocionais que tomam a sociedade. A afirmação que os freudianos provocam o pensar é que: “homem é o lobo do homem” e que há de se cuidar dele quando se sente deus. A ciência, o isolamento profissional e a falta de grupo de estudos contraditórios são vias pelas quais se endeusa¹⁸⁴.

¹⁸³Então, Jesus dirigiu a palavra aos judeus que diziam crer nele: “Se vocês permanecem comigo, vivendo o que eu ensino, sem dúvida são meus discípulos. Então, irão experimentar a verdade, e a verdade vai libertá-los.” João 8:31-32 Extraído da Bíblia A Mensagem

¹⁸⁴ O homem é o lobo do homem é uma frase tornada célebre pelo filósofo inglês Thomas Hobbes que significa que o homem é o maior inimigo do próprio homem. Esta afirmação apresenta a transfiguração do homem como um animal selvagem, consiste em uma metáfora que indica que o homem é capaz de grandes atrocidades e barbaridades contra elementos da sua própria espécie. A frase original é da autoria do dramaturgo romano Plautus e faz parte de uma das suas peças. Em latim, esta frase é traduzida como homo

Destaca-se a recordação de um paciente chamado Beto¹⁸⁵ em atendimento, o mesmo pode contribuir com a afirmação acima. Por muito tempo esteve envolvido em tráfico de drogas e por fim preso em uma instituição para menores em Brasília. Após cumprir seu tempo, foi levado pela família à terapia.

Agora, com uma consciência mais clara e irônica a respeito de tudo, chamam de falsos amigos aqueles que antes o cercavam: “Foi tudo ilusão”, ao mencionar sobre o que viveu. De fala articulada, diz que usou o dinheiro das drogas para comprar roupas caras, uma moto e se preparava, antes de ser preso, para adquirir o primeiro carro aos 14 anos.

Ao ser indagado como as pessoas passaram a tratá-lo a partir do dinheiro, respondeu:

As meninas da escola que antes nem olhavam para mim passaram a me dar beijinho no rosto e me chamar pelo apelido [...]. Pessoas que nem conhecia vinham falar comigo [...]. Me chamavam de 'patrão' pra cá, 'patrão' para lá [...]. Eu fiquei iludido com tudo aquilo. Com dinheiro eu não pensava em nada.

Esse depoimento traz à reflexão situações que a psicanálise menciona, mas será que aqueles que tecem o social estão também, através de outros meios, buscando o reconhecimento e o poder tão valorizado socialmente?

A psicanálise fala da hipocrisia do mundo adulto cujas ações, com frequência, estão em discrepância com o discurso. O mundo adulto que educa crianças e jovens, negando e camuflando, em vez de assumir e elaborar, as ambivalências e paradoxos humanos, bem como as diárias violências e agressões como resposta às dificuldades de viver com as diferenças que a alteridade traz, ao desamparo e angústia que a vida diversas vezes suscita às feridas provocadas no incansável narcisismo pelos limites à busca de prazer, evitação da dor, atração pelo proibido, imediatez das satisfações a qualquer preço.

homini lupus. No entanto, esta frase ficou mais conhecida por estar incluída na obra intitulada *Leviatã*, da autoria de Thomas Hobbes que foi publicada em 1651. Neste livro, Thomas Hobbes argumenta que a paz civil e união social só podem ser alcançadas quando é estabelecido um contrato social com um poder centralizado que tem autoridade absoluta para proteger a sociedade, criando paz e uma comunidade civilizada. Disponível em <http://www.significados.com.br/o-homem-e-o-lobo-do-homem/> acessado dia 27.01.2016

¹⁸⁵Nome fictício para relatar uma experiência em clínica psicanalítica, o relato é descrito de forma a salvaguardar a identidade do paciente que foi atendido pelo mestrando em sua Clínica. A importância da história é a forma que o paciente percebeu a realidade que o cercava, assim como o autor da dissertação leva a realidade do seu texto.

Parece difícil que um cuidador passe por esses sentimentos e desejos em sua subjetividade e esteja imune a toda sorte de pressões. Calligaris¹⁸⁶ escreve sobre o consumismo e a propaganda enganosa num artigo que parece relevante refletir sobre a subjetividade e onde opera a educação em nossos tempos.

Calligaris menciona que a propaganda é um forte instrumento pedagógico, constitutivo da subjetividade contemporânea e, por isso, o maior projeto psicológico de todos os tempos. Nas últimas décadas, no mundo inteiro, os gastos com publicidade talvez tenham sido maiores do que os gastos com a educação básica. Consumir, comprar, esses são os caminhos anunciados para a construção e a garantia de identidade.

A pressão sobre os cuidadores passa por sua subjetividade, como a declaração de Beto passa pela alteração de humor e expectativas familiares e percorre o ambiente de trabalho, suas ascensões e realizações profissionais.

A revista Eclésia em uma reportagem sobre pastores¹⁸⁷ apresenta nas palavras do pastor Carlos Bregantim "um novo modelo eclesial que chegou ao país" e que foi motivo de uma rotina acelerada em sua vida. Na mesma reportagem traz o caso do pastor Jabes de Alencar aos 52 anos, dentro das pressões do ministério e estresse fazendo parte da pesquisa sobre os riscos e tensões que um ministro está exposto nos dias de hoje.

A revista também menciona novas pesquisas que comprovam que os que cuidam da saúde espiritual e levam vida a tantos estão doentes. Relata que "por trás dos púlpitos e das unguidas mensagens que levam multidões as lágrimas, há dramas desconhecidos e um número cada vez maior de líderes à beira de um ataque de nervos ou de colapso físico".

O Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP), ao finalizar sua pesquisa mais completa sobre o assunto em 1997, trouxe revelações alarmante sobre o trabalho e tensões dos líderes protestantes.

¹⁸⁶CALLIGARIS, Contardo. Os caça-propaganda, outras figuras da nova revolta. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jul. 2000, Ilustrada, E, pág. 12 disponível em: <http://www.folha.com.br/fsp/elistrada/fq2707200030.htm> acesso 15/08/2015.

¹⁸⁷Revista Eclésia Pastores em Perigo Ano 14 Número 143

O trabalho, que envolveu 750 líderes evangélicos das diversas denominações, na cidade de São Paulo, valeu ao Psiquiatra cristão Francisco Lotufo Neto o título livre-docente originando a tese *Psiquiatria e Religião: Prevalências de Transtornos Mentais entre Ministros Religiosos*.¹⁸⁸

Desde que o estudo do Professor Francisco Lotufo Neto foi feito até 2005, a situação não obteve melhoras, ao contrário, através de pesquisas realizadas em 2005, a professora Ana Magnólia Mendes da Universidade de Brasília e o professor Rogério Rodrigues da Silva, da Faculdade Projeção Brasília, obtiveram uma amostra com 20 líderes religiosos das igrejas. O objetivo era identificar aquilo que gerava sofrimento no trabalho eclesialístico.

O psiquiatra Pérsio Ribeiro Gomes de Deus, professor da Universidade Mackenzie em São Paulo, menciona que boa parte dos pastores que são atendidos por ele, sofre de depressão e afirma que é o estresse provocado pela atividade pastoral. Os pastores apontam a falta de apoio e compreensão das instâncias superiores, problemas de relacionamento com outras igrejas, baixa remuneração e dificuldades conjugais.

Assim, o assembleiano Paulo Ramos dos Santos em sua monografia de 2009, para a Faculdade Teológica Batista, a qual fez um estudo em torno da temática Saúde Mental e Espiritual, onde desenvolveu a pesquisa com pastores da Assembleia de Deus, em São Paulo.

Descobriu-se que a maior parte dos pastores entrevistados já experimentou problemas de insônia no transcorrer do ministério e que 70% apresentam preocupações com possíveis problemas cardiológicos.

¹⁸⁸Os dados obtidos são chocantes: 47% dos pesquisados apresentavam distúrbios mentais e transtorno de comportamento. Um índice bem superior ao da média dos paulistanos, que ficou em 30%. Em um segundo momento da pesquisa, Lotufo Neto selecionou 40 dos ministros participantes para classificar os transtornos mentais e medir a intensidade do estresse a que eram submetidos. As conclusões não foram mais animadoras. O levantamento apontou que 16,5% dos pastores ouvidos sofriam de depressão. Outros 13% já não conseguiam dormir normalmente por causa dos problemas. Mesmo reconhecendo os males que estavam sofrendo, poucos se dispuseram a procurar ajuda. Revista Eclésia, ano 14, número 143 pág. 44-45

Muitos pesquisados sentem falta de aconselhamento para pastores, um problema da maioria das denominações que não acompanha e pastoreiam seus pastores, quase todos já pensaram em desistir e abandonar o ministério¹⁸⁹.

O conselheiro pastoral precisa ter em seus pensamentos a expressão "cuidar de si", que aparece na obra de Foucault¹⁹⁰, e a autora Roseli Kühnrich de Oliveira em seu livro menciona que:

As relações de ajuda, notadamente nas profissões que se ocupam da assistência ao ser humano, em nível físico, mental ou espiritual. O cuidar de si mesmo refere-se ao cuidado que os cuidadores devem dedicar à sua própria pessoa, dado o desgaste que a função cuidadora provoca. Nas relações de ajuda, o cuidar pressupõe que há alguém que cuida e alguém que é alvo desse cuidado. Contudo, cuidar de si mesmo é o cuidado que se dá intrinsecamente, ou seja, o indivíduo é ao mesmo tempo o que cuida e o que é cuidado.¹⁹¹

É imprescindível a importância do cuidado com o que cuida, esse grupo de pessoas sofre toda sorte de pressões a partir da transferência direta ou indireta. Segundo Freud em suas pesquisas psicanalíticas que vão demonstrar a devida compreensão a respeito da transferência. E é a partir dele que se pode compreender o quanto se torna necessário refletir sobre essa temática no âmbito mais amplo das ações daqueles que por um ou outro motivo estão envolvidos em cuidar de outras pessoas.

Diante de dificuldades claras o autor Udo Rauchfleisch menciona em seu livro a despeito do gabinete pastoral e os relatos de atitudes e comportamentos que extrapolam a competência profissional dos colaboradores eclesiais.¹⁹²

¹⁸⁹As raízes de tantas neuroses podem até estar no estilo moderno de se viver, mas a estrutura de boa parte das igrejas também reflete a sociedade atual. A começar pela formação oferecida por alguns seminários, que ensinam os alunos a serem bons pregadores e a fazer excelentes exegeses da Bíblia, mas não a lidar com as pressões do cotidiano, resolver conflitos ou administrar um templo. Assim, saem das escolas como bons teólogos, mas sem saber o que fazer quando a igreja precisar de uma reforma. Por problemas de formação de personalidade, diversos líderes tornam-se, com o passar do tempo profissionais da fé, apenas buscam conquistar resultados e serem eficientes do ponto de vista institucional. A pressão de algumas organizações, que exigem sempre crescimento, ou a visão distorcida dos líderes de igrejas menores, que se sentem inferiores diante do sucesso de pastores de grandes denominações, estimula rivalidade e provoca frustrações. Alguns acabam por desenvolver e sofrem com a chamada "síndrome do messias", achando que têm responsabilidade direta por tudo e por todos. Extraído da revista Eclésia ano 14 número 143 pág.46.

¹⁹⁰FOUCAULT, Michael. As técnicas de si. 1994,p. 1-25.

¹⁹¹ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. livro Pra não perder a alma – O cuidado aos cuidadores pág.45.

¹⁹²Provocam neles nítidas reações emocionais negativas. A ocorrência dessas depende da atitude que eles têm diante dos fenômenos em questão. E isso tem a ver, por um lado, com o saber que eles possuem sobre esses fenômenos e, por outro lado, das suas noções normativas pessoais e das transmitidas pela igreja, bem como dos sentimentos vinculados a elas. Exemplos dessas problemáticas são informações dadas por pessoas que

Frente ao exposto, o desafio é olhar para a igreja com o desejo da verdadeira manifestação tripartida. A manifestação social, no acolhimento, demonstração de afeto e ações integradoras em sociedade. Diante dos dons e frutos, na busca de um encontro real com a manifestação da graça e por fim um encontro pessoal e com Deus.

Fica nítido ao longo desse trabalho o posicionamento diante de uma fronteira emergente que dá claros sinais da necessidade da interpretação teológica e da reinterpretação dos cuidadores eclesiais e diaconais.

A necessidade de interpretar a palavra com o cuidado de perceber os “milagres” e não a interpretação cartesiana de ser a razão pragmática e centralizadora de percepções de controle do certo e errado.

Nesse ponto, entende-se que as plataformas se encontram na busca de aproximar-se desse humano falho, limitado e sem controle sobre si.

A escuta e a aceitação como forma de milagre nos dias atuais é parte desse encontro de plataformas, pois nelas percebe-se a clara evidência do escutar com o todo e naturalmente aceitar com o todo.

Compreender através do evangelho o verbo se encarnar como expressão de milagre, para ir ao encontro do sujeito e aceitá-lo como forma escandalosa de graça divina. Graça que constrange e não se consegue alcançar em palavras o seu afetamento, aceitação, consolo e salvação.

O autor Jorge A. León menciona que o sujeito é um ser incompleto, e ao longo de sua descrição demonstra a necessidade desse homem e um encontro com

buscam conselho a respeito do transexualíssimo, inclinações para o travestismo, preferencias sadomasoquistas ou predileções fetichistas. Como ocorre em todos os contatos profissionais, reveste-se de importância fundamental manter-se isento, tanto para fora como interiormente, de toda e qualquer valoração do fenômeno em discussão. Assim, que um juízo negativo se torna perceptível, mesmo que apenas esteja pairando no ar, geralmente as pessoas que buscam conselhos se retraem e interrompem o diálogo, que, no entanto, seria tão eminentemente importante justamente em vista de sua aflição interior, seus sentimentos de pudor e a solidão em que vivem com seu segredo. Não menos problemático é quando eles, tomados de sentimentos de culpa, buscam a condenação dos de fora e o parceiro de dialogo eclesial irrefletidamente acata esse desejo. Isso de fato satisfaz a necessidade que a pessoa que busca conselho tem de punir e depreciar a sua própria pessoa. RAUCHFLEISCH, Udo. Quem cuida da Alma? Controle de fronteiras entre psicoterapia e poimênica. 2014, p. 127-128.

Jesus Cristo, à revelação do Espírito Santo e completa ao afirmar que esse sujeito é demasiadamente complexo para ser estudado somente pela teologia.¹⁹³

¹⁹³El hombre es un ser incompleto. El ser que está esforzándose por llegar a ser hombre es consciente de la necesidad de completamiento. Tenemos delante el arquetipo de hombre: Jesu cristo, al cual todos debemos tratar de conformarnos. No podemos alcanzar un conocimiento exhaustivo del hombre, como tampoco de Dios, sin embargo podemos llegar a conocer todo lo que necesitamos para nuestra salvación, en el sentido más amplio del término. El hombre está determinado tanto por la dinámica del inconsciente, como por la dinámica del cambio. Dios se revela al hombre en Jesu cristo y continúa revelándose por la dinámica del Espíritu Santo. El hombre es demasiado complejo para ser estudiado sólo desde el punto de vista teológico. La revelación divina es suficiente pero no exhaustiva. Por eso el cristiano debe tener en cuenta toda la información que le ofrecen las ciencias humanas. El conocimiento del hombre, para el cristiano, no es un fin en sí mismo sino un medio para crecer y servir. No debemos conocer por conocer, sino conocer para ser y servir. "Únicamente se reconoce a sí mismo como hombre, y marcha desde este reconocimiento a penetrar en el otro, habrá que brantando su soledad en un encuentro rígoroso y transformador". La imposibilidad de un conocimiento exhaustivo del hombre se resume en las siguientes palabras de Heidegger: "Ninguna época ha sabido tantas y tan diversas cosas del hombre como la nuestra... Pero ninguna otra época supo en verdad menos que el hombre". Como ya hemos señalado: Si conocemos algo del hombre es porque Dios lo ha revelado en Jesu cristo. LEÓN, Jorge A. Psicología pastoral para todos los cristianos. 1975, p. 87-88.

CONCLUSÃO

Por mais de um milênio os profetas e reis tentaram combater a prostituição e encontram no seio da sociedade o acolhimento e cultura a qual absorveu a prostituição e por consequência estruturou seus direitos.

Ao perceber ao longo da história, que a igreja cristã foi se distanciando de valores e do simbólico tido como pilares de contribuição para a construção de uma espiritualidade equilibrada, compreende-se o quanto a construção da espiritualidade da igreja cristã está misturada com o paganismo.

A identificação se percebe ao longo dessa caminhada que é a religiosidade baseada na moral do dever, o sujeito tem necessidade de “saber o que fazer”, e isso têm como contribuição o medo de ir para o Inferno.

Cumprir a regra é sinônimo de ser “obediente” ao passo que a recompensa virá na forma de submeter ao outro (Deus, Igreja, líderes) e abnegar qualquer forma de assumir uma responsabilidade com o que sente ou não.

Nesse sentido, vale pensar na influência dos meios de comunicação, na medicalização (sendo científica, religiosa) da sociedade, ou seja, na promessa de que remédios ou orações podem curar nossas tristezas, angústias, incertezas e na intolerância com o fracasso, com a timidez, com tudo aquilo que difere do considerado exitoso, o sujeito se lança em uma busca por méritos através de “penitencias” que o aproxime de algo que transmita afeto.

Na moral do dever o sujeito se torna refém de si e da estrutura social a qual faz parte, suas orações são construtos imaginários do meio. Seu medo de ir para o inferno o faz refém de Teologias relativizadas com o poder de super-heróis, assim constrói na divindade o reflexo humano, se distanciando da divindade humana.

Nesses tempos de grande desenvolvimento científico e tecnológico, é bom lembrar que Freud já previa que o domínio sobre a natureza não garantiria a felicidade, felicidade que, além do mais, é algo subjetivo. O ser humano tem que

criar sua própria possível felicidade. Não a regras a serem seguidas, não a receitas sob medida, nem destino traçado.

Tratar do tema: O gabinete pastoral como setting terapêutico – A Transferência na ação do conselheiro se torna evidente trazer a reflexão sobre os bastidores das emoções envolvidas nesse atendimento. É um convite para reflexões mais profundas sobre a origem de nosso olhar, da escuta e da oração em prol do outro.

O afeto é uma temática que provoca um olhar mais atento do conselheiro, principalmente no contexto mais profundo do preconceito humano. As questões relacionadas à sexualidade, desejo e todas as pulsões relativas à libido sexual provoca uma elaboração naquele que se propõe aconselhar.

Não se pode negar o imediatismo na sociedade e os desafios de esvaziar-se para escutar o outro. É neste ponto que se observa a trincheira mais tênue entre o escutar o outro e escutar a si mesmo. Neste sentido a loucura que muitos cometem é a falta de amor próprio, a decência deve ser observada no sentido de buscar a dignidade para si, antes do encontro com o outro.

O amor próprio traz percepções de autoanálise, na qual o conselheiro se percebe no encontro. O sujeito aconselhado irá passar diante de seus olhos, mas o conselheiro irá perceber-se através do reflexo dos olhos do outro.

A espiritualidade tem contornos com os processos de autoanálise, onde o encontro com o Evangelho acontece simultaneamente com o sujeito em sua complexidade e idiosincrasia, o mesmo é inundado de sentimentos de vida, verdade, amor, crises, honestidade, alegria, sentimentos sempre presentes. Percebe-se a necessidade do conselheiro de está diante de si e ser apoiado por um acolhedor terapêutico, para que seu processo de aconselhar não o deixe distante do seu próprio processo de autoanálise.

A dificuldade de líderes da Eclésia em relação aos conflitos apresentados e por eles interpretados como confronto tem em seu cerne a dificuldade de uma autoanálise.

A dificuldade que esses líderes encontram tem haver com sua capacidade e preparo, pois provocam neles reações emocionais negativas. Ao procurar um líder cristão para encontrar amparo existe o desafio da resistência de ambos, uma reação negativa paira no ar e torna-se profundamente agressiva ao sujeito que busca o apoio e compreensão de sua angustia.

Nesse desencontro percebe-se a necessidade das reflexões que aproximam a trincheira de conflitos que se refletem para os dois, gerando desgaste e o medo.

O cuidado para compreender a sintonia do humano em contato transferencial que geram desgastes emocionais e físicos com o conselheiro, passa adiante do conhecimento do gabinete pastoral. É algo que a sensibilidade do encontro com o outro, exige do conselheiro a desconstrução de seus arcabouços de concepções emocionais, religiosas e sociais.

A psicanálise, longe de pretender alcançar abstração e objetivação, aceita a implicação do analista nas interações múltiplas com o seu objeto – que, precisamente, não é um objeto, mas outro sujeito, a ser apreendido e investigado em se tratando da singularidade subjetiva. Nesse tratamento, as experiências, os tropeços e deslizes desse sujeito singelo estão no primeiro plano, e não as objetividades do seu comportamento manifesto, dos seus sintomas, dos seus atos e ações.

Estes aspectos se deixam exemplificar pela questão da interpretação, se refere implicitamente, a uma concepção do homem dividido entre a sua superfície e o seu núcleo, seja ele definido como for. Sem essa distinção entre um manifesto e um latente, não faz sentido falar em interpretação.

A escuta do conselheiro e as suas intervenções interpretativas (e indagativas) representam assim a ferramenta para ultrapassar o manifesto, para atingir o desconhecido e levantar a ignorância.

Os ruídos nesse espaço de acolhimento manifesta a fala do real que em determinado momento ambos no gabinete necessitam de elaboração e acolhimento. O que leva a compreensão do conflito subjetivo que tanto o sujeito conselheiro e o aconselhado se perdem em conflitos espirituais, éticos e morais.

Muitas são as soluções dadas quando a angústia ao se tornar insuportável: neurose, psicose, suicídio, toxicomania, comportamento antissocial, supressão de emoções, trabalho excessivo, etc. A cada solução que vise especificamente evitar a dor e frustração remete as necessidades que corresponde uma imputação maior ou menor na personalidade.

O desejo é que ao pensar em aconselhamento, não refute a transferência e nem nomeie como ação demoníaca, e sim que o conselheiro esteja preparado em sua subjetividade para esse encontro e nesse espaço que é o gabinete pastoral seja um espaço terapêutico, no qual se consiga a possibilidade de desconexão do tempo e espaço para acolher o sujeito em seus afetos e sua fragmentação.

Somos feitos de matéria instável, como toda a natureza. No entanto, em nosso fundo humano guardamos o segredo de sermos nós mesmos e, enquanto vivermos, isto não poderá ser retirado. Qualquer transigência de nossa parte corre por conta de uma escolha (consciente ou inconsciente).

REFERÊNCIA

ARANHA; Maria Lucia de Arruda. *Filosofando, Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BALMARY, Marie. *O Monge e a Psicanalista*. São Paulo: Vozes, 2007.

BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO, Tradução de João Ferreira de Almeida, ed. rev. e atual. São Paulo, Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, Vol. I, 2005.

BROWN, Peter, *Corpo e sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo*. Tradução: Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e sexualidade*. São Paulo: TEMÁTICAS Publicações, 1990.

CAVALCANTE, Robinson. *Uma benção chamada sexo*. São Paulo: ABU Editor, 1979.

CALLIGARIS, Contardo. *Os caça-propaganda, outras figuras da nova revolta*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 jul. 2000, Ilustrada, E, p. 12. Disponível em <http://www.folha.com.br/fsp/elistrada/fq2707200030.htm> acesso 22/08/2005.

CASTRO, Therezinha de. *História documental do Brasil*. Rio/São Paulo: Record, 1968.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil*. São Paulo: Editora Ultimato, 2.000.

CHOURAQUI, André. *Moisés Profeta do mundo moderno?* Lisboa Portugal: Editora Piaget; 1.995.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

ECLÉSIA, revista. *Pastores em Perigo*. Ano 14, Número 143.

FABIO, Caio. *Entre um homem e uma mulher*. São Paulo: Editora Vinde Comunicações, 1995.

FABIO, Caio. *Brincadeira de Gente Grande*. Rio de Janeiro: Editora Independente, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FILLOUX, Jean Claude. *Psicanálise e educação*. São Paulo: Expressão e Arte, 2002.

FOUCAULT, Michael. *As técnicas de si*. Trad. de Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves, São Paulo: Editora Polígrafo, 1994.

FRANCISCHELLI, Leonardo Adalberto. *De onde fala Lacan?* In: Revista Ciência & Vida, Psique, edição especial, ano I nº 4, 2007.

FREUD, Sigmund. (1893-1895) *Moisés e o monoteísmo*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

----- (1900) *A Interpretação dos sonhos*, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume IV, Rio de Janeiro: Imago, várias eds, 1996.

_____. (1905[1901] *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Volume VII, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. (1905) *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume VII, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. (1909) *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

----- (1910[1909]) *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume XI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912) *A dinâmica da transferência*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume XII, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1996.

_____. 1912/2004. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns, Volume I, Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

----- (1923-1925) *O eu e o id "autobiografia" e outros textos*- Obras completas. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume XVI, Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

GAY, Peter. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann, consultoria editorial Luiz Meyer, 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GAARDER, Jostein. *Mundo de Sofia*. Tradução SILVA, Leonardo Pinto, São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2012.

GAIARSA, José Ângelo. *Briga de casal: Lições de Amor*. São Paulo: Editora Gente, 1997.

GRANT (1999) Walkiria Helena. *O declínio da função paterna na atualidade*. In: Leandro de Lajonquière & Maria Cristina Kupfer (Orgs.). *A psicanálise e os impasses da educação*. Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI, 1999.

GUIMARÃES; João Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

HANNS, Luiz Alberto. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Edições, 1.999.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Edições, 1996.

HEINEMANN. Uta Ranke. *Eunucos pelo reino de Deus; mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Tradução de Paulo Fróes, 4ª tiragem, Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1999.

JULIEN, Philippe. *A Psicanálise e o Religioso: Freud, Jung, Lacan*. São Paulo: Zahar, 2010.

JACQUES. Lacan, Edição Brasileira o Seminário, livro VII, *A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____, (1988) Edição Brasileira o Seminário, Livro XI, *Os quatro conceitos da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1964.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução Vera Ribeiro, Maria Luiza X de A. Borges, Consultoria, Marco Antônio Coutinho Jorge, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1996.

KEPLER. Karl. *Neuroses Eclesiásticas e o Evangelho para crentes*. São Paulo: SP, Editora Arte Editorial, 2009.

KUPFER, Maria Cristina. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Editora Escuta, 2001.

LACAN, Jacques, *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Tradução de Antônio Quinet, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LEÓN, Jorge A. *Psicología pastoral para todos los cristianos*. Buenos Aires: Ediciones Plaroma, 1975.

LOWENKRON. Theodor; Herrmann. Fabio *Pesquisando com o Método Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MONTEIRO, Elisabeth Aparecida. *Sobre uma especificidade do ensino da psicanálise na universidade: a formação de educadores*. (Tese de Doutorado), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria. D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. revista e modificada pelo autor - 82 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NASIO, Juan-David. *A dor Física*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

NASIO, Juan-David. *O livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Como trabalha um psicanalista?* Tradução, Lucy Magalhães, revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1999.

NETO. Rodolfo Gaede. PLETSCHE. Rosane. WEGNER. Uwe. *Práticas Diaconais – subsídios Bíblicos*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2004.

OLIVEIRA, ROSELI M. Kühnrich de. *Pra não perder a alma: O cuidado aos cuidadores*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2012.

PALHARES. Maria do Carmo Andrade. Disponível

<http://sbprj.org.br/site/admin/upload/publicacao/5041173d4341c219015820->

[Maria do Carmos Palhares O psicanalista e seus afetos-revisto.pdf](#) acesso em 05/02/2015.

QUINET, Antônio. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 2004.

RAUCHFLEISCH. Udo. *Quem cuida da Alma? Controle de fronteiras entre psicoterapia e poimênica*. São Leopoldo/ RS: Editora Sinodal, 2014.

ROCHA, Fernando. *Afinal, existe uma sexualidade infantil?* In: Revista Ciência e Vida, PSIQUE, Ano I, nº 6, 2006.

SANTIAGO, Ana Lydia. *A Inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 2005.

SILVA, Maria Cecília P. da. *A paixão de formar: da psicanálise à educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SPELLER, Maria Augusta Rondas. *Feminino, psicanálise e educação: do impossível ao possível*. Cuiabá: Entrelinhas, EdUFMT, p. 107, 2005.

STOTT. John. *Questões sobre sexo*. 2^o edição, Niterói, Rio de Janeiro: Editora VINDE, 1995.

WONDRACEK. Karin H. K. REHBEIN. Matthew L. CARTELL. Leticia N. *Desenvolvimento humano na Lógica do Espírito – Uma introdução às idéias de James E. Loder*. Joinville/SC: Editora Grafar, 2012.

----- . Karin H. K. *O amor e seus destinos: A contribuição de Oskar Pfister para o dialogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2005.

VOLPI. J. H. Reich. *Da psicanálise a análise do caráter*. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Pensar é desejar: o conhecimento serve para adaptar uma realidade ao que se quer fazer dela*. In: Revista Educação: Freud Pensa a Educação, nº 1, São Paulo: Editora Segmento, 2006.

ZIMERMAN; David Epelbaum. *Manual de Técnica Psicanalítica*. São Paulo: Artmed, 2004.

_____. *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artmed, 1999.